

Relatório da Prática de Ensino Supervisionado

Texto revisto

O som da etimologia e o ouvido do Aluno de Filosofia

Nome: Aramis Vasco Horta Morais da Silva

Orientador: Professor Doutor Luís Manuel Bernardo

Orientadora de estágio: Professora Alice da Purificação Santos

Que todos os alunos de bairro sejam alunos de cidade. Afinal de contas, a maior vila é a da vida de encontro ao livro.

Aos pais do *Aramis*: António de Matos Ferreira (o João Bosco Português) e Cátia Sofia Tuna (O Espírito mariano). Agradeço também a São Bernardo das Ascensões e a São Vicente Barão de todas as alturas pela fidelidade constante.

Um especial obrigado aos *Encontros Preservados Humanitariamente em Todos os Lugares* – Pólo da Póvoa de Santa Iria – pela oportunidade que me concederam.

Introdução

Inserido na dinâmica de estágio que define o Mestrado de Ensino da Filosofia, o tema deste Relatório da Prática de Ensino Supervisionado pretende trabalhar meticulosamente a importância que a Filosofia e a pedagogia da Filosofia mantêm na sua relação com a etimologia. Se tal relatório de estágio deve satisfazer as exigências de uma prática que manifeste a sua aplicação, grato é referir que a importância do que se propõe ser uma determinada metodologia, segue de perto as articulações imprescindíveis com os programas de 10º e 11º, nomeadamente nos temas relacionados com a Lógica e a Ética (10º ano), os Valores Estéticos e Religiosos assim como a questão da Epistemologia (11º ano). Através de exemplos vários, tal relatório de estágio pretende explicar aquelas que foram as principais articulações em que a etimologia como momento pedagógico essencial se alicerçou na construção de um percurso pedagógico nas suas demais etapas. Se por um lado a etimologia pretende pedagogicamente tornar-se num utensílio que deslinde os significados dos conceitos filosóficos, segue-se que a importância de uma determinada estruturação (Powerpoints e Planificações com conceitos nucleares), tem de ser pensada na sua relação estreita do que fora o desenvolvimento do estágio e da sua relação intrínseca com uma tomada de consciência que vê no etimológico o cerne *deste* pedagógico.

Numa elaboração que pretende expressar a simbiose entre som e palavra, tal Relatório da Prática de Ensino Supervisionado encontrou na Escola Secundária de Miraflôres a sua aplicação nas turmas de 10º e 11º anos do Agrupamento de Economia correspondentes ao ano letivo de 2020/2021. Das planificações sem conceitos nucleares (anexo 1) às planificações com conceitos nucleares (anexo 2) - sugestão da Professora Alice Santos -, tal estágio constitui uma criação constante a todos os níveis. Uma vez que tal ano fora marcado pela pandemia SARS-COVID 19, importa refletir que o conjunto de PowerPoints e a biografia dos pensadores (ver anexo 3), situou a etimologia num campo de relação essencial quanto à tomada de um curso de matéria em que a organização por diapositivos e a avaliações por planificações permitiram equilibrar nos períodos em que as aulas foram apenas on-line, e o mesmo é dizer, entre os meses de Fevereiro e Abril. Exemplos de tais circunstâncias foi o de pensar, por exemplo, que *Des Cartes (uns mapas)* situa o nome do pensador francês como aquele que ilustraria um novo *mapa* no pensamento ocidental e, por coincidência, o que tinha feita grande descobertas do ponto 0 em geometria; de Leibniz que começa com a palavra *corpo*

(*Leib*), sendo o pensador que ficaria marcado por, para além de outras questões, ter preconizado o termo mónada tão clássico quanto leibniziano. Assim, e devido ao contexto pandémico, teve de existir uma atualização de estratégias que, se por um lado convidassem a etimologia a ser tomada como linha principal de conduta, por outro apontavam para um diâmetro biográfico do pensador em que, quer através do seu próprio nome ou das cidades em que vivera (ver anexo 3), se permitia a relação feita numa dinâmica que nunca deixou de apontar o etimológico como fio condutor deste relatório.

Como o elemento pessoal se deve agregar ao elemento pedagógico para construir uma dinâmica de motivação, é de basilar referir que as circunstâncias variaram em termos da própria motivação ao longo do estágio pois, se por um lado, tivera de lecionar no 10º ano o programa de Lógica – conseguido devido às articulações etimológicas mencionadas neste relatório -, por outro, fora importante a ocasião do estágio para uma tomada de discernimento de como a disciplina de Filosofia pode ser encarada como pedagogia e pensada de uma outra forma que não observa somente o conteúdo analítico, mas o delinea sob uma linguagem gramatical mediada pelas suas articulações biográficas e entrecruzada pelas suas passagens etimológicas.

De relevância foram as reuniões com a Professora Alice uma vez por semana, com vista a situar as planificações, a consolidar estratégias de apresentação e a apresentar propostas outras de testes e avaliações (ver anexo 4) que levassem a um trabalho ritmado e segmentado por uma organização minuciosa de feitura e sua posterior validação. Pode-se mesmo referir que tais reuniões, acompanhadas também pela colega de estágio Filipa Fidalgo, foram essenciais para escrutinar e determinar os vínculos necessários que faziam mais sentido em termos de articulação com o programa, assim como tornear e melhorar os seus esquemas de apresentação que, desde o esclarecimento de como destrinçar um determinado vocabulário de avaliação (“identifique”, “refira”, “situe”, “contextualize”, entre outros), foi também um elemento de agregação que permitira conciliar métodos, pensar apresentações e definir estratégias de lecionação. Importantes também foram as presenças na aula da colega de estágio Filipa Fidalgo (assim como a assistência das aulas online), que me permitiram equipar de um conjunto de provisões mais tecnológicas e esquemáticas que a colega tendia a ter no seu percurso individual. Como um desafio metodológico – no sentido de conciliar e agregar esforços outros -, as observações de tais aulas eram tomadas em reunião como

auto e hetero-avaliação para daí se focarem os pontos que correram melhor e fazê-los surgir como dispositivo operacional e equipamento fundamental aquando da atividade de lecionação. A formatação de esquemas tomados no primeiro ano de mestrado propiciaram uma condução balanceada mas que necessitava de ser meticulosamente pensada com vista à sua aplicação, abordando o acrescento dos *conceitos nucleares* como será explicado no decorrer deste mesmo relatório e até dando azo a episódios de dinâmica diferente, como a aula sobre a ética kantiana em que o filme *Cinema Paraíso* (ver anexo 5) e as suas primeiras cenas, permitiram escrutinar as críticas que se levantariam a uma ética deontológica, primando por uma dinâmica totalmente à parte do nervo etimológico.

Na mira da palavra: da miragem etimológica à Miraflores pedagógica

Numa escola sedimentada pelos ecos das suas avenidas e pelos apelos das suas vielas, a Escola Secundária de Miraflores, marcar-se-ia uma toponímia de linguagem que apontaria a etimologia como tom a desvendar e que via na orientadora de estágio, a Professora Alice da Purificação Santos, uma importante forma de captação. Se na Avenida Cesário Verde lembramos Heidegger com o seu *pastoreio do Ser* que impregnaria a experiência deste estágio, o que dizer do pavilhão António José Saraiva (onde dera aulas ao 11º E1) que nos aponta para uma História como ressonância temporal a acontecer, ou até do pavilhão Luís de Freitas Brancos (onde lecionara o 10º E1), que conduz e direciona as batutas da reflexão etimológica para o condensado do som na partitura da cadência pedagógica. Pareceria, desde logo, que o compasso eco-apelo como binómio exclusivo da endoscopia e da auscultação pela palavra, convidaria frequentemente a essa díade entre etiológico e etimológico que este relatório teria realmente de preservar sob a batuta de um histórico que é sempre filológico e filosófico.

Se também dois foram os sistemas de ensino, presencial e online – dadas as circunstâncias da pandemia SARS-COVID 19 -, muitas foram as formas de conduzir a etimologia ao seu porto seguro, que até vira no cais diverso do online, a possibilidade espicaçada de um tempo em que o auditivo e o visual foram pensados para estruturar ainda mais a harmonia etimológica. Havia que olha para o online como uma experiência a tirar dela a melhor experimentação! O dia 19 de abril de 2021, dia de regresso dos alunos ao modo presencial, fora também o dia em que os cinemas voltavam a abrir e que fez notícia na abertura de muitos jornais. Ora, porque não integrar este

acontecimento simultâneo e expressar as críticas à ética kantiana só com diálogos do filme “Cinema Paraíso”? Afinal de contas, também o protagonista deste filme via no cinema a abertura para executar grandes projetos na sua vida. No entanto, o presencial tem um aspeto orquestral que a pedagogia torna eco, apelo e anelo. O que dizer do dia 22 de Abril quando os alunos fizeram um minuto de silêncio a Kant? ou até do dia 19 de Novembro, dia da Filosofia, em que levava a figura de Epicuro e de um *emoji*, perguntando-lhes qual o *emoji* mais filosófico? (ver anexo 6). Só o ensino presencial pode ter dinâmicas como estas. Mais, o espaço em sala de Aula, seria o comum tempo em que essa escrita auditiva se poderia fazer sentir e dar a conhecer nas nervuras das suas sonoridades intrínsecas. É em sala de Aula que se pode escrever e, ainda que seja com marcador, o importante é lembrar que nos rabiscos riscados de arabescos retomados, as palavras transmitem entre Professor e Aluno uma relação de simbiose tão binómica que se acomete de um acontecimento maior chamado Pensamento em conjunto.

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionado, respeitante ao mestrado de Ensino da Filosofia, quisera tomar por base a etimologia como princípio metodológico para o ensino desta disciplina. Consolidando-se numa parte prática, oportuna e por demais indispensável, a etimologia constitui uma metodologia prática que, aprofundando o conceito e o seu significado, engendra e alavanca o espírito crítico do aluno. Como um crivo por onde se distinguem as passagens hermenêuticas que a etimologia convoca, a importância da etimologia está nesse configurar completo e dinâmico que, em todas as aulas, é responsável por o aluno desempenhar mais facilmente o seu papel de agente do pensamento numa *escrita em voz alta*¹ de Roland Barthes que se faça ouvir e melhor dirigir, e em que o timbre dessa *voz alta* representa a musculatura do pensamento deslindando os significados vários das palavras. A *escrita em voz alta*, produto e resultado de um trabalho etimológico de permanente decifração que dirige o esclarecimento, constitui essa linha de força que permite ao estudante ouvir e decifrar pensando essas linhas textuais que a etimologia propõe e linearmente deixa ouvir.

Se no princípio das aulas abordara a etimologia de Filosofia, expliquei-lhes que – mais do que sermos “amigos da sabedoria” -, era importante que pensássemos no

¹ BARTHES, Roland, *O prazer do texto*, Coleção Signos, Edições 70, Lisboa, 1983, página 115.

philein que convoca ao verbo *gostar* mas também pensássemos no verbo *phuein* que aponta para o crescer e para o crescimento de algo, como se a Filosofia fosse um sedimento essencial na sua maturação enquanto jovens mas também no seu recrudescimento enquanto seres pensantes prenes de espírito crítico. Numa primeira abordagem, os alunos viram na escrita do grego a convocação de uma determinada experiência diferente e, dando exemplos de fatores de crescimento que se iam construindo com calma, dei o exemplo da palavra *cura* que, inicialmente apontando para o *cuidado* da terra, norteia-nos também para a *curiosidade* essencial no que diz respeito ao registo filosófico. Desta forma, fi-los ver que os étimos constituem-se como portadores de significados intrínsecos que a Filosofia, como o Português tornada disciplina obrigatória, ajuda e auxilia a tornar evidente.

Importante fora o contributo da Orientadora de Estágio, a Professora Alice Santos que, inclusive, aconselhara a fazer planificações que tivessem presentes os “conceitos nucleares” de forma a que a etimologia tivesse a sua elaboração exclusiva, ordenada e profundamente articulada. (ver em anexo 1 uma planificação sem “conceitos nucleares” e outra planificação em anexo 2 com a metodologia de “conceitos nucleares” sugerida). Fulcral fora também a presença da colega de estágio, Filipa Fidalgo, que apresentava as suas planificações sob uma forma ordenada em termos de sequência de matéria, o que me fez olhar para a etimologia não só como um conteúdo de exclusiva aplicação mas, sobretudo, como uma metodologia que se ia fortalecendo ao longo do desenvolvimento sequencial da própria matéria e, como tal, que continha já em si essa *escrita em voz alta* orientada que conduziria gradualmente o aluno no seu exercício de aprendizagem.

As ondas do som: o redobro do étimo que dobra e desdobra o pensamento em cada aula

Como autêntico concerto em que a variação se repete para descrever uma linha harmónica, cada étimo é a dobra em que a palavra se faz vinco melódico numa acústica etimológica que sustenta e suporta o legado filosófico nos arpejos da sua hermenêutica, fazendo sempre *da capo* diante de *cada* autor e perante *cada* conceito. Importa perceber que o étimo acarreta uma correspondência de ser permanentemente *responsabilidade* num discurso que é *sempre* rasto atento no radical rigoroso da sua observância. A etimologia, como sonido ou vagido que se vai percutindo em onda na vibração do seu

emergir, sugere caminho para uma elucidação filosófica que sonoriza em cada palavra um exercício de acústica crítica, descodificando o étimo numa prosódia melódica que tende a ver na fundamentação constativa a sonorização de uma variação elucidativa que importa compreender. O esquema é tão somente este: só há vibração se formos do estalido da raiz ao estampido do radical, formando sonoros esse estrépito estentóreo do etimológico que enformará o hermenêutico no ouvido crítico de cada aluno. Afinal de contas, o *fónico* e o *fonador* do étimo são formadores dessa *fonte* essencial chamada Pedagogia da Filosofia.

Quando me estava a levantar na aula de apresentação do 11º ano de Economia, um dos alunos vociferara a palavra “respeito”. Aproveitando o *respecere* latino como *aquilo que se volta a observar*, apontei que o francês também conservava esse *re-garder* e que na Aula de Estética iríamos trabalhar esse *olhar atento* de vermos na arte essa aptidão que nos faz ficar mais atentos e despertos, alertas e reflexivos. Apontei também para a questão de estarem vários polos com cores parecidas – a púrpura – e que quando observamos a arte importa perceber, mais do que as cores, aquilo que está diante de nós e a forma como esse *respeito* constante pode ser observado e analisado sob o prisma da Filosofia que obriga o aluno ao olhar atento de observador constante, pois até os economistas nos seus gráficos utilizam diferentes formas e cores. Mais do que as nuances e os matizes de tal analogia, o que importava esclarecer nesse dia de apresentação era a força desse prisma indagador que iríamos trabalhar nas aulas de Estética e que, posteriormente, tomaríamos como critério de exigência num rigor de análise que vê na palavra também uma das maiores expressões estéticas.

Em duas turmas de Economia, o móbil preparatório da etimologia convidava a uma ponderação que via na perspicácia do -e económico, a preponderância de um -e etimológico que só poderia rimar com o agrupamento em questão, dada a humildade parcimoniosa com que o trabalho etimológico deverá sempre ser tomado.

Cada palavra é arpejo num concerto sonoro de onda vibratória, procurando no étimo a expansividade dos seus percutires e, o mesmo é dizer, possibilitando um alcance semântico provido de sonido filológico. *Le mot* ou *la parole*², a palavra sublinha o desenho melódico do som que esparge e eclode na cintura do seu conceito, qual força motriz que preside ao pensamento para torná-lo vibração etimológica e, em cada aula,

² TODOROV, Tzvetan, *A Poética da Prosa*, Edições 70, Coleção Signos, Lisboa, 1979, página 108.

processo firme de uma acústica hermenêutica que faz de cada étimo um movimento sonoro de fundamentação pedagógica. Numa *escrita em voz alta* que olha para o decifrar constante do etimológico, os alunos do 11º ano iriam trabalhar o argumento analógico de São Tomás de Aquino a propósito do tema associado aos *Valores Religiosos*. O que dizer da palavra que apresenta um argumento de São Tomás de Aquino, precursor ele mesmo da *analogia*? *thaumas* significa *espanto* e *contemplação*, podendo também significar *profundidade*, consistindo para além disso em “*ta oma*” (o igual³). Seria possível explicar a analogia em São Tomás de Aquino (a propósito de um dos seus argumentos) sem passar por *este* sonoro de pensar a palavra como campo de hermenêutica filosófica e fonte de aprofundamento *reflexivo*? Pensemos então nesse reflexo. Para o aluno do 11º ano, a palavra *analogia* soou estranha, pois era uma expressão que somente dois estudantes relacionaram com a questão da *comparação*. Pode-se mesmo dizer que esta inicial dissonância fora pedagogicamente rica para trabalhar a sonância do argumento etimológico. Se o *ana* de analogia nos aponta para aquilo que *vai em direcção* à *logia* do seu significado, então, tal como num espelho onde nos tornamos semelhantes, o argumento da analogia pressupõe essa sonância de similaridade e similitude que apresenta na ressonância da semelhança o seu aspeto axial. Nessa *escrita em voz alta* prenhe de prazer etimológico, o aluno relacionou o conceito de *analogia* com a expressão etimológica e compreendeu que o cerne deste argumento estava *justamente* nessa *similaridade* e *similitude* que desenvolviam, progressivamente, o seu aspeto analógico. Inicialmente dissonante, o aluno que aborda o argumento da analogia de São Tomás de Aquino pela sua etimologia, compreende o tratado de semelhanças soantes e sonantes que o próprio argumento faz soar por si só, apercebendo-se paulatinamente da ressonância desse sonoro explicativo.

A palavra é espelho que apascenta o apartado da sua morada etimológica e devolve ao pensamento a partilha do seu momento significante: a clarividência filosófica do conceito através do étimo, que prediz os tempos longínquos do seu ouvido original. Esta é a acústica da Filosofia como pedagogia: a do étimo como início de som que percute e repercute para captar no unísono etimológico essa volumetria eficaz de uma afinação crítica e hermenêutica que procura o ouvido de *cada* aluno perante a escuta de *cada* conceito. Em Filosofia, o étimo é arpejo e acorde na dimensão da sua

³ PEREIRA, Isidro, «Iguais» em *Dicionário Grego- Português e Português Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990, página 404.

plurivocidade e no rasto narrativo da sua pluralidade, emprestando ao som do pensamento esse construto vocacional e conceptual ali mesmo a acontecer e que encontra na palavra o seu eixo axial. Vagido, sonido ou som, a palavra é sussurro que elabora na acústica filosófica o sonorizar da sua afinação etimológica, contribuindo para essa cadência de étimo suspenso no tempo mas que, afinado de afinco filológico, a Filosofia rebusca nesse *recherche* para elaborar numa acústica de interpretação pedagógica que não deixará de se tornar variação e vibração da mesma melodia: a fundamentação crítica de rigorosamente se pensar. É esta a maiêutica da etimologia: a de tornar-se batuta e baqueta, ritmando e percutindo o sonoro explicado pela raiz e, simultaneamente, conciliar a vibração da radicalidade na sua colheita etimológica como recolha de um campo arqueológico, filológico e putativamente filosófico. Este é também o elã da etimologia tornado compasso binómio de existir-insistir e que leva no quadrante da resposta o seu ténue tom de pergunta ali mesmo ao lado, numa dissecação da etimologia que recupera a sua ossada para se permitir em demonstração de tempo instalado e instaurado por um sonido que quer ser som na sondagem pedagógica de cada prosódia filosófica. Afinal de contas, é preciso recuperar sempre esse legado *ontológico-histórico*⁴ que Martin Heidegger faz por não esquecer e que aprofundaremos no seu devido momento. Assim, a *vivissecação* da aula de Filosofia é também a de uma *vivificação* da sua hermenêutica etimológica, para que o sonoro do étimo seja, mais do que variação e vibração, possibilidade, plausibilidade e permeabilidade numa finura de encontro em que o embate do som se torne momento inaugural no ouvido de cada aluno, educando-o e elucidando-o de récita filosófica.

Constituindo-se como vinco de vibração sonora na onda de reflexão que o étimo elabora, a palavra torna-se labuta de *decifração* prene de relação, uma vez que a etimologia se transforma progressivamente em conceito mas também em História da Filosofia. O que se pretende da palavra é, justamente, *essa* sonorização filosófica da narrativa traduzida em étimo para um pensamento que seja, paulatinamente, onda de vibração sonora que se dobra em Filosofia e em História da Filosofia, lembrando o baluarte derrideano desse “duplo que desdobra o que reduplica⁵”. Por falar em dobra e ductilidade, ouçamos agora um exemplo de Hans-Georg Gadamer...

⁴ HEIDEGGER, Martin, *Carta sobre o Humanismo*, Coleção Filosofia e Ensaios, Guimarães Editores, Lisboa, 1987, página 67.

⁵ DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, Perspetiva, São Paulo, 1999, página 45.

A aula de Filosofia é para a palavra esse *concerto* intelectual diante dos seus *concertos* etimológicos, num porvir profícuo do étimo que pretende o sonoro filosófico na centralidade dos seus sonidos rizomáticos. No seu *Elogio da Teoria*, Gadamer indica-nos um exemplo precioso para designar esse *redobro* etimológico como *entorse* da palavra. Escreve o autor alemão: “a expressão grega para o ângulo geométrico é *joelho – gony* -, mas na matemática já ninguém pensa que está a dizer *joelho*”⁶. Esta *entorse* pode ser também a da “visibilidade do oculto que reside no que a si se mostra”⁷, fazendo lembrar o esquema heideggeriano da *a-letheia* como des-ocultação e que aqui não poderia deixar de estar⁸. Ora, tal questão é essencial para o magistério filosófico como consciencialização do radical etimológico, visto agora como re-toma de um pensamento em que a aula de Filosofia urge e surge como voz de *redobro* e *retorno*, ressoando na palavra essa onda sonora que se duplica entre étimo e vocação conceptual para chegar ao fenómeno categorial que inscreve cada autor. Este é o cerne da palavra que, dando-se como étimo mas correspondendo-se como decifração, encontra no cúmulo do pensamento um adensar e agudizar das suas sonoridades conceptuais, momento a que não pode ser alheio um rigor de vibração crítico que o ouvido do aluno procurará sob a pauta da acústica hermenêutica legada por cada autor e legitimada pelo próprio Professor. É preciso a escuta constante desse *origem fundamental*⁹ heideggeriana.

A escrita em voz alta está concentrada nesse audível que se escuta em todas as linhas do texto que a etimologia mais faz escutar pelo seu escandir interpretativo que abre as portas a uma dimensão prática da palavra que se alicerça à pedagogia para a representar em pensamento. Mais do que o *audível* das linhas de texto que a etimologia convoca pelas suas relações entre as palavras, é preciso *auditar* essa *audição* prenhe de interpretação que o prazer da etimologia faz funcionar sob o operativo da *escrita em voz alta* como autêntica metodologia. É nesta relação intrínseca que o aluno ouve, lê e escreve sob o modo do descortinar prático que a etimologia deixa entrever nos meandros de cada interpretação. Nessa “fruição da coabitação das linguagens”¹⁰, o aluno capacita-se *da* e *pela* palavra como expressão de esclarecimento que se vai

⁶ GADAMER, Hans-Georg, *Elogio da Teoria*, Edições 70, Lisboa, 2001, página 121

⁷ *Ibidem*, página 97.

⁸ ZARADER, Marlène, *Heidegger e as palavras de Origem*, Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, Lisboa, 1990, página 61.

⁹ HEIDEGGER, Martin, *Carta sobre o Humanismo*, Coleção Filosofia e Ensaios, Guimarães Editores, Lisboa, 1987, página 68.

¹⁰ BARTHES, Roland, *O prazer do texto*, Coleção Signos, Edições 70, Lisboa, 1983, página 36.

tornando mais lúcido consoante o primar de cada interpretação. Vejamos o seguinte exemplo:

No dia 26 de Outubro, dera a primeira Aula de Estética. Uma vez que era uma primeira abordagem, começara por explicar a etimologia da palavra *aisthesis* que significa *percepção*, explicando-lhes que a palavra tinha intrínseco nela “aquilo que se coloca” (*thesis*). Muitos alunos, que relacionaram o conceito de estética imediatamente com o de *beleza*, foram-se apercebendo que existia um meandro maior que fazia dessa beleza pensada um exercício de expressão filosófica. Todavia, havia que esclarecer nesta *escrita em voz alta* que, filosoficamente, o termo *Estética* correspondia a uma reflexão não somente sobre as ressonâncias do objeto *belo* mas sobre o pensamento que os autores tinham do que era realmente estético e do que se poderia considerar Arte. Através deste encadeamento de raciocínio etimológico, explicara-lhes que a *Estética* correspondia a tudo aquilo que pressuponha *colocar* em manifestação e, mais do que isso, *colocar* como ponto de reflexão tal como o ponto focal onde se coloca (*thesis*) a nossa visão. A partir dessa questão, suscitara-lhes o conceito de *experiência*, visando o conteúdo da experiência estética. Se em francês *experiência* aponta para *essayer*, como se *provássemos* ou *ensaiássemos* uma determinada experiência, referira-lhes que o Alemão designava a mesma por *erfahrung*, como se o homem na experiência empreendesse uma viagem. Dialogando com a turma, perguntara a uma série de colegas se ao contemplarem uma experiência estética sentiam a sensação de “viagem”.

Aludindo a um conjunto de quadros representando compositores como Schumann, Mozart ou Chopin, suscitara-os para o facto de que a *Experiência* representa aquilo que vem de fora (*ex*) e, como tal, também a música, a pintura e todas as formas artísticas tinham também – e não exclusivamente - um início externo e exterior. Se Schumann, grande executante, partira um dedo e se tornara compositor, Chopin tinha uma atitude doente e febril que o fazia compor Noturnos. Nesta perspectiva, explicara-lhes que a experiência estética é aquilo que pode ter várias origens mas uma das suas metas é a do Ser Humano se ultrapassar a si mesmo, ultrapassando a experiência do efêmero. Transmitira-lhes também que as palavras nos revelam muito e que *Bach* (*Barr*), parecia estar quase que destinado a ser a chave-mestra do *Barroco* pela forma do seu nome. Evidenciara-lhes que se torna importante ouvir as palavras, uma vez que estas constituem para a Filosofia um recheio preñado de enormes experiências visuais e de pensamento que, como apontado na mesma aula, fazem com que o Alemão apelide o

pensamento de “Gedanken” como se se agradecesse (*danken*) a experiência estética chamada *Pensar*.

Mais do que uma filologia do étimo, procura-se uma palavra que seja suporte, sustento e sustentáculo de que o pensamento se erguerá, qual frequência sonora de uma Filosofia que se redobra, replica e reitera em palavra para se renascer e ressoar em reflexão. Michel Foucault, inclusive, aborda a questão do autor, referindo que o mesmo deve ser entendido, mais do que *sujeito falante*, como *aquele* que constrói a coerência de um “princípio de agrupamento do discurso¹¹”. Tal reflexão leva-nos a pensar o étimo como dispositivo que alavancará a palavra nesse nóculo de reflexão essencial, preservando na etimologia essa nervura de somido-som-sonoro do autor-filósofo que se reelaborará em cada aula sob o *sónico* de uma História da Filosofia que fará a *sondagem* no ouvido de cada étimo. É este o desenho acústico que preside à clave da etimologia: o de ser curva e borda de uma palavra que é sempre dobro de étimo e rebordo filosófico no desdobrar duplicado entre palavra e pensamento, conceito e autor tal como as ondas plurais das sonorizações totais.

Numa aula de Filosofia, o trabalho de acústica do étimo é pura *variação* e *vibração* que não pretende apenas desdobrar-se e explicar-se como conceito de um dado autor: ela é também estímulo para todo o aluno pensar o étimo como força motriz que se escuta indagadora, ouvindo na decifração da etimologia esse somido amplo de um pensar fónico - histórico, como se o aluno colocasse o seu ouvido na sonografia de cada étimo e perante a sondagem de cada conceito de que o autor é coluna primordial. Em cada conceito e perante cada étimo, o aluno tornar-se-á discípulo de uma acústica pedagógica inaugurada pela instauração da palavra como conceito vibratório, rebordo e redobro de um tecido filosófico musculado que mais soa e ressoa no seio da sua tessitura etimológica.

Na membrana da palavra, há *realmente* esse inextricável que a habita: o tempo, como doseio de manifestação que a coloca sob o batente da narrativa e sob o baluarte da sua membrana elucidativa. Mais do que a palavra ser “a representação sonora de uma excitação nervosa¹²”, há uma *apetência* da mesma como etimologia que faz do conceito “a categoria da categoria¹³”, nessa vibração de somido que ouve agora na orquestra da

¹¹ FOUCAULT, Michel, *A Ordem do discurso*, Relógio d'Água, Lisboa, 1997, pág. 22.

¹² DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980, página 223.

¹³ *Ibidem*, página 229.

apetência pedagógica o adestrar da sua amplitude filosófica. Mais do que o *fonema*¹⁴ de Jacques Derrida, o étimo é uma *logificação* que se expõe à produção de uma fecundação etimológica germinada em conceito e categoria, qual amplitude que se espraia e expande para mais elencar o catálogo filosófico no diapasão de cada autor perante o seu mais repertório: a ideia proposta por cada étimo como onda de vibração sonora que tinge e retine para a Filosofia enquanto aula e para uma História da Filosofia enquanto cúpula acústica que mais fará soar o estrépito do étimo. Neste ponto está retratada uma ideia que faz da etimologia um veículo de aproximação para a permeabilidade do pensamento, como se o étimo fosse esse filamento que coloca na filigrana da afinação filosófica, uma filiação para uma maior fundamentação, formada esta pelo mensurar sempre múltiplo e múltimodo do conceito *como* fomentador, ouvido de origem filosófica e escuta de ocorrência pedagógica.

Aliada a uma genealogia da palavra como *tempo*, surge a inscrição de uma etimologia como *instrumento*. Ao aprofundarmos a palavra como *tropo* e a metáfora como *heliotropo*¹⁵, discernimos já uma inteligibilidade em que “perceber com o ouvido¹⁶” denota essa frequência aproximativa entre pensamento e étimo num ouvido acústico que gradua étimo e conceito como ampliações intrínsecas de um escutar maior: o do pensamento rigorosamente afinado. Assim se explica que a palavra como *metáfora sedutora*¹⁷ faça nascer uma afinação que, ao se fundar na amplitude do legado etimológico como lastro conceptual, enlace também o pensamento nas flutuações melódicas de cada autor, quer como genealogia descrevendo o contexto e o tempo histórico, quer como conceito de vibração sonora na sua pluralidade, discernindo e diferenciando as leituras de uma hermenêutica mais capaz e capacitada de intrínseca fundamentação e que abre as portas para uma indagadora compreensão. Um dos pontos focais do étimo é que o aluno compreenda que, sob o diapasão da etimologia e sob a afinação da sua decifração hermenêutica, o seu ouvido filosófico tenderá a dilatar o seu pavilhão auditivo para outros campos de saber, desde o estímulo pelas disciplinas relacionadas com as línguas até às considerações sobre física, anatomia e matemática,

¹⁴ DERRIDA, Jacques, *Voz e Fenómeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl*, Edições 70, 1996, página 123.

¹⁵ DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980, página 325.

¹⁶ ZARADER, Marlène, *Heidegger e as palavras de origem*, Pensamento e Filosofia, Edições Piaget, Lisboa, 1990, página 223.

¹⁷ DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980, página 209.

de que fazem parte importantes conexões pedagógicas que ilustram o ensino da Filosofia.

Todo o étimo assenta numa legibilidade filosófica que cunha essa posição de escrita que continua a agir¹⁸, cuja vibração e afinação só podem ser propagadas numa amplitude hermenêutica que pense a vibração do léxico como variação melódica do étimo. Se a aula de Português vê o léxico, a aula de Filosofia vê no étimo a colocação em voga do conceito para despertar a vocação hermenêutica em cada léxico, apurando o aluno esse ouvido afinado para a amplitude do pensamento apoiado. Se para Derrida “a escrita não existe de certeza¹⁹”, amplificaremos uma inscrição pródiga do étimo como alavanca essencial que se transporta para o *fora* (=transporte) da metáfora e para o *meta* do método, inscrevendo um rigor aproximativo cumulado de harmonia etimológica. Se em *Voz e Fenómeno*, o pensador francês olha a palavra como “laço entre *logos* e *phonê*²⁰”, importa aprofundarmos esse fónico sonoro – passando o pleonasma – de uma *vocação* etimológica portadora de fónica pedagogia. Compreender-se-á, como tal, que o étimo possa aquilatar em cada aula essa amplitude que se conta em história pela acústica do conceito, numa amplificação que se distingue de novidade para se tornar prontidão de exactidão histórica e filológica, como uma sílaba de tempo decantada na escansão firme da sua reflexão intrinsecamente pensada. Assim se assume que a escuta da palavra possa conter para o aluno de Filosofia essa *voz* aberta para o apelo do étimo como *pronúncia* e *prosódia*, num pensamento derrideano que coloca em voga essa expressividade *pura* de uma exegese crítica *como* acústica a ecoar. Colocando o étimo no quadro, experiência pessoal que mais prazer me transmitiu, o aluno permanece num silêncio curioso que aponta para uma atenção afincada e profundamente estimulada. Afinal de contas, já nos lembra Jacques Derrida, “só quando a comunicação é suspensa, é que a expressividade pura pode aparecer²¹”.

A palavra denota uma origem que é a da sua perturbação escavada nas delongas arqueológicas de um étimo tornado extrato e trato da sua exatidão, qual tempo percorrido ali mesmo a acontecer. Ao afinar este conteúdo de germinação, caminha-se para uma fecundidade latente inscrita na aproximação instantânea em que o étimo,

¹⁸ DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980, página 412.

¹⁹ *Ibidem*, página 433.

²⁰ DERRIDA, Jacques, *A Voz e o Fenómeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl*, Edições 70, 1996, página 23.

²¹ *Ibidem*, página 49.

como somido em vibração na ostentação da sua variação, desabrocha no momento melódico da sua reflexão, afim de que Tempo e História se tornem concertos de um maior concerto: o pensamento rigorosamente alicerçado. Este espicaçar do étimo torna-o não somente dúctil e flexível como profundamente subtil, pois que nos hemisférios dos seus insistires decifrados há um anúncio que persiste na morada patente do seu registo e que inscreve o étimo nesse corolário tantas vezes anunciado por Álvaro Ribeiro (“Pensar é pesar e medir bem as palavras²²”). A mensuração da etimologia está, como tal, *nesse* incomensurável inextricável cuja tangência decifrada são eixos de pensamento em cada aula, numa amplificação *pesada e pensada* que se mede e mensura em cada momento pedagógico e em cada étimo tornado conceito e categoria de autor. O que pretendo significar é que a âncora pedagógica que o étimo constitui para a Filosofia, designa não só o seu projeto meditativo de pensamento construído, como ainda estimula e espicaça o aluno a uma comunicação mais exacerbada porque mais plural. Sendo assim, a ponte entre étimo e conceito estará na vibração que, ao *medir e mensurar* o alcance incomensurável do étimo, dá ao aluno a responsabilidade de *pesar e pensar* em cada palavra as afinações de um pensamento que, quanto mais profundo e rigoroso, mais apurará o seu ouvido crítico numa hermenêutica pronta a se *escrever* porque predisposta a mais se pensar. O étimo é essa sístole e diástole, cuja contração colocada na hermenêutica é mola propulsora para mais expandir a aula de Filosofia, vista agora como compasso que aprofunda na arqueologia da palavra o ouvido do aluno tornado não só ser reflexivo, mas – e sobretudo –, agente crítico no exercício *escutado e ouvido* do seu pensar: bastando colocar a orelha sob a coluna de cada étimo ouvido historicamente, filologicamente e, por isso, filosoficamente apetecido.

Influir para refletir, o étimo convida e convoca à interação da narrativa como interjeição e da Filosofia como intervenção, num intercâmbio entre tempo e pensamento intrinsecamente instalados. Mais do que a sonorização, o Professor tem no étimo o seu *elemento* e o seu *instrumento* afim de que o esclarecimento abunde numa harmonia filosófica sempre amplificada nas suas variações e vibrações, apelando metodologicamente para o seu rigor denso e profundamente propenso. É esta a vibração com que o vocábulo percute numa fisiologia de pensamento que tem na anatomia da palavra o seu tecido celular, uma vez que a raiz da palavra deixa sempre a

²² RIBEIRO, Álvaro, *Liceu Aristotélico-Lógica e Psicologia*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1962, página 78.

ancestralidade do seu radical núcleo como consideração elástica que se dilata – mas não dilui – no percurso exato das suas mensurações tal como uma onda de vibração sonora. Esta autonomia filosófica, num constante conter e reter da etimologia, é sempre convite para um esdrúxulo maior, cujo conhecimento em voga tem de permitir a valência da sua construção na demanda étimo-conceito para uma constatação que explore o pensamento em palavra e o étimo em aula de Filosofia. O que pretendo significar é, justamente, que tal carga filológica no Professor de Filosofia tornar-se-á, lentamente, convocadora de importantes sensibilidades perante a interpretação na forma como se capta o étimo, não só porque tal disciplina foi feita como o Português uma disciplina obrigatória, mas também pelo enervamento da palavra e a sua regra etimológica inaugurarem e instaurarem um momento reflexivo que passa pelo vocábulo e pelo empenho dos alunos em ouvir no fenómeno do étimo, esse maestro conducente que educará o seu ouvido *em* escuta mas também o seu processo de escrita e de interpretação dos próprios textos.

No dia 26 de outubro, Segunda Feira, começara as Aulas de Lógica nas lições 15 e 16. Explicara-lhes que a *Lógica* é uma linguagem e, como tal, se associa a uma determinada gramática. Dirigindo-me a alunos do agrupamento de Economia, fundamentara-lhes que – mais do que o número -, a palavra em Filosofia é marca de uma expressão que os fará logicamente e racionalmente distinguir entre *verdade* e *validade*. O programa de Filosofia de 10º ano apresenta para o desenvolvimento da Lógica, um ponto fulcral de importante sonância para o aluno dado o seu critério minucioso que trabalha o afincamento da racionalidade sob os moldes de um determinado esquema argumentativo. Como tal, não desmerecendo o agrupamento em que estavam - Economia -, felicitará-os pela sua escolha e referi-lhes que nunca esquecessem a importância da palavra escrita e dita, vendo na Lógica *uma das* linguagens da Filosofia mais essenciais para o seu quotidiano e aquela que tenderá a ver na construção frásica e na conexão lógica dos raciocínios o seu baluarte essencial.

Começara a aula por lhes chamar a atenção para o trabalho da palavra, fazendo apelo à diferença entre *Proposição* e *Preposição*, uma vez que na prova anterior muitos tinham cometido esse lapso. Pelo exemplo do que se propõe, suscitara-lhe exemplos de frases declarativas em que uma ideia é proposta, fazendo-os pensar no simples facto de que *preposição* só nos faz lembrar o -pre do que pode ser pressuposto e da ideia do que está antes (pre) como *pré-primária*, *preâmbulo*, *prefácio* e outras. Assim, as *proposições*, ao contrário das *preposições* que se encontram *antes* de algo

(De...desde...), esboçam-se numa frase declarativa e propõem-se como algo pensado e refletido. O que vamos perceber com a Lógica é se essas determinadas propostas e proposições declarativas no seu conjunto, apresentam um argumento sólido e eficaz para a exposição de qualquer raciocínio que não se queira falacioso, de maneira que o aluno vá aplicando em exercícios as tais propostas declarativas que são as proposições, conseguindo fazer uma distinção entre *preposição* e *proposição* ao lembrar-se da etimologia da palavra e da sua legítima aplicação. Uma vez que a aula era sobre conectivas e o meu relatório de estágio versa sobre a etimologias, explicara-lhes que a conjunção só é verdadeira numa tabela de verdade se as duas proposições são verdadeiras, remetendo-lhes para a palavra “Cônjuge” no sentido do resultado da conjugação ser verdadeiro apenas se os dois “cônjuges” forem igualmente verdadeiros. Uma vez que a disciplina da Lógica não permite tratar tanto a questão etimológica, apelei para o facto de olharmos para palavras como *Disjunção* e que as palavras portuguesas “diferença” ou “distinção” começam com esse prefixo -di. Fazendo uso da palavra *Implicação*, explicara-lhes que se olharmos para a palavra – sem ser na sua etimologia – ela nos pode transmitir uma mnemónica: *pli* em francês significa dobra e, a seta também contém esse dobrado que implica algo: atingir um alvo. O mesmo trabalho fora realizado para a conectiva da equivalência pois, se nos lembrarmos do *aequi* como *igual*, constataremos que se trata de uma seta para cada lado. Fundamentara-lhes através de vários exemplos, que a etimologia nos permite escutar a palavra e ver nela um recurso de pesquisa que se torna potência de aprendizagem e expoente de reflexão no que trata ao caminho filosófico. Ainda no cerne da palavra – e para explicar a conectiva da negação -, fui ao desenvolvimento da letra – *n* como em caligrafia manual, lembrando que o início da escrita da letra pressupõe em modo caligráfico, pressupõe o símbolo da negativa, sugerindo-lhes que as palavras e as letras constituem mnemónicas autênticas para o nosso trabalho filosófico.

A *escrita em voz alta* representa essa espessura do ouvir hermenêutico sempre plural numa densidade pronta a construir o seu ato de pensamento numa prática que se demova da *simples* interpretação e escave as delongas do conceito para tornar singular a categoria de cada autor. O encontro com o etimológico é *sempre* o de um entroncar que faz nivelar o tronco das suas interpretações nas arborescências auditivas em que cada conceito se mostra e demonstra e em que o aluno pensa e converge de significados num autêntico exercício reflexivo sedimentado. Este índice prático e este apêndice de

método constante, fazem da *escrita em voz alta* elementos condutores para uma melhor – porque mais discernida - elucidação da disciplina filosófica. Assim, até o próprio termo *conectiva* importou ser meditado, pois a negação também é uma conectiva. Refiro tal, pois uma das questões que mais suscitou dúvidas fora a de que a negação também é uma conectiva. Mais do que vista como *conexão* por agregar duas ideias (*-con*), percebi que a conectiva da negação tinha de ser melhor fundamentada, pois numa frase declarativa do tipo “O João foi à praia” e “O João não foi à praia”, a conectiva da negação também lá está e é apenas um sujeito numa ação.

Mais do que diapasão ou metrônomo que molda e modela a condução, o étimo é amplificação e afinação que descreve, escreve e inscreve no ritmo do pensamento a prestação orgânica da sua vibração, aferindo *sempre* em cada aula uma harmonia que coloca Professor e Aluno no seio do mesmo episódio: o da descoberta pela reflexão. O étimo surge como esse organismo imenso cujo preenchimento é o da geografia de uma aula que se vê preparada a criar na coordenada do vocábulo, a latitude do seu expandir filosófico que, quanto mais dilatada for como onda vibratória sonora, mais se sentirá a abrangência e a envolvência de um elemento longínquo que se esparge e cintila como decifração ali mesmo a acontecer na pluralidade das suas helicoidais escutas. O étimo não será mais do que esse reviver filosófico que prediz a categoria e anuncia liminarmente o conceito. Mais, o étimo não terá margem nem borda, mas tornar-se-á contorno funcional e operacional de onda que vibra e se faz vibrar, cuja maleabilidade é transponível a um pensamento que se adensa quanto mais adentrar etimologicamente a palavra na sua estrutura auricular que articula o particular em cada étimo e, com isso, desdobra para uma maior reflexão e condensação filosóficas.

Como epitáfio que brita a pedra, a etimologia representa esse ideário laminar cujo escopo é o do somido fino que se agudiza para mais enxergar na perpetuidade de um pensamento sonoro que se quer mais nítido criticamente na busca de uma *sondagem* etimológica que legitime determinada interpretação. O movimento é centrífugo, quando numa concavidade e convexidade que são a da exploração das suas compatibilidades começadas no núcleo do étimo, a palavra vê fundada a sua amplificação acústica nas naves maiores de uma cúpula filosófica, égide de pensamento discursivo e criticamente preciso, cristalizando em cada ouvido esse educado processo de escuta aguda e arguta que começa pela etimologia agudizada: fina e tão fina como a cadência que a melodia torna e em linha de pensamento ensina.

Da amplitude à amplificação da compreensão, o étimo é feto que procura umbilicalmente a afinidade e a afinação do compasso filosófico, afim de que o pensamento se torne gérmen e gênese na medição com que cada autor amadurece cada conceito, qual melodia individualmente estilizada pelo solfejo de cada categoria e cada conceito. Para a aula de Filosofia, a *itinerância* da palavra é também a da sua *interação* e a da sua interna *intromissão*, num exercício que não só instiga o inventário de cada pensador, como induz à intervenção de cada aluno que, compreendendo a iniciativa indagadora do étimo, aprofundará também a sua dimensão hermenêutica e a sua intenção de ouvido crítico. Assim se percebe que a etimologia tenha a sua germinação na gestação da palavra que, ao *informar* o aluno, *forme* o pensamento do autor no *enformar* do conceito que começa a ter *forma* no respaldo do seu *formão* etimológico. Essa é a *formalidade* da aula de Filosofia ou, como menciona Álvaro Ribeiro, a da sua *Escola Formal*. Aliás, se Derrida nos fala de uma deiscência²³, compreender-se-á a *forma* do sulco que afeta a fenda do étimo para o sulcar e apreender pedagogicamente, como esse *trace* (vestígio) que Levinas burilará numa etimologia que será, simultaneamente, desvio (*de-tour*) e regresso (*re-tour*) ao campo da palavra²⁴ de ouvido permanentemente amplificado porque dilatado nas suas permanentes escutas de índice e indício filosóficos. Martin Heidegger, inclusive, refere mesmo que “com o seu dizer, o pensar abre sulcos²⁵”.

A fragilidade da palavra é a da sua vulnerabilidade exposta ao entrosamento permanente das suas narratividades. No concitar e consistir das suas procuras, há um escutar consabido que aprofunda a consistência da sua afinação para se assinalar como conceito de amplitude e amplificação filosóficas. Desígnio, designação, desinência e desiderato, a palavra torna-se em Derrida *suplemento*²⁶, qual sustento de manifestação atingida e atribuída nas agências que o étimo declara para se sublimar em conceito categorial. E é claro que há uma indigência da palavra, pois o étimo despoja-se do seu cunho primacial e do seu encrustar primordial para, posto a nu, deixar ouvir em cada autor esse vocabulário que afina desnudado o escutar nítido em que cada pensador se torna conceito a propor. Se num primeiro momento a palavra se *desoculta* para se dar a

²³ DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980, página 280.

²⁴ *Ibidem*, página 353.

²⁵ HEIDEGGER, Martin, *Carta sobre o Humanismo*, Coleção Filosofia e Ensaios, Guimarães Editores, Lisboa, 1987, página 97.

²⁶ DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980, página 280

conhecer ao aluno - como a *aletheia* grega de feição heideggeriana²⁷ -, num segundo momento, a palavra forma o seu caixilho de étimo na moldura do conceito que se ouve e dá a escutar, num quadro de fiel retrato fonológico e etimológico como momento essencial de exposição e explicitação. No tecido que a palavra *urde*, começa-se (*ordiri*) o cardar de um momento pedagógico, que é testemunho fixo dessa tessitura prene de redobros, já que *explicare* não significa mais do que *ir desdobrando* o gerúndio cerzido do pensamento, alcançando no escutar da raiz e do radical essa possibilidade costurada de um histórico, filológico e filosófico criticamente e rigorosamente pensados. Assim se explica que Todorov na sua *Poética da Prosa* refira que “as palavras não significam a presença das coisas, mas a sua ausência²⁸”, como se o étimo rebuscasse em cada autor a ideia que se dará a ouvir na acústica de uma pedagogia mais dilatada, porque mais ditosamente fundamentada.

Metáfora como repetição: a timpanização da Filosofia no estalido do etimológico

Se para Derrida a verdade é “uma multidão movente de metáforas²⁹”, é preciso alinhavarmos essa estrutura movível num lugar que seja *escuta* de etimologia como *tópico* em lastro e, simultaneamente, *acústica* de uma pedagogia etimológica no *trópico* de cada conceito. Uma questão que importa certamente destacar é a da propagação da palavra *timpanizada* como fonte³⁰, qual *implicação* e *complicação* que é sempre a da *compilação* das narrativas textuais para uma *completação* dialógica entre pensamento e conceito. Esse é o toque do *implexo*³¹: o da étimo como vibração que se convida a internar e integrar, onde o tímpano do étimo surge para a sala de aula com propagações prenes e pejadas de conceito e categoria, já que o étimo *prediz* filosoficamente a ideia do autor colocando no sentido da reflexão esse estalido de autêntica “*apresentação*³²”.

No dia 28 de Outubro, nas lições de Estética 16 e 17, começara por explicar aos alunos que a palavra *sentir* tem a sua diferente expressão nas suas demais línguas. Essa escrita audível ou *escrita em voz alta* que faz ouvir nos meandros do étimo os rizomáticos de cada conceito, permite que o aluno de Filosofia oiça o seu pensamento numa escrita de voz alta que trabalhe o étimo a desdobrar-se como um texto e ouvindo o

²⁷ ZARADER, Marlène, *Heidegger e as Palavras de Origem*, Pensamento e Filosofia, Edições Piaget, Lisboa, 1990, página 63.

²⁸ TODOROV, Tzvetan, *Poética da Prosa*, Edições 70, Coleção Signos, Lisboa, 1979, página 115.

²⁹ DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980, página 276.

³⁰ *Ibidem*, página 395.

³¹ *Idem Ibidem*.

³² *Ibidem*, página 122.

seu pensamento a *explicar-se* sob a dobras e as pregas desse “texto que quer dizer tecido³³”. Ao exercer-se na prática do seu pensamento que paulatinamente se faz ouvir recorrendo à audição do étimo, o aluno de Filosofia conjuga esse “brio do texto como vontade de fruição³⁴” e, simultaneamente, resgata e revela no seio do próprio étimo uma possibilidade maior de dilatar o seu ângulo reflexivo e de prosperar o condensar da sua reflexão agora mais ágil, experimentando-se mais denso nos seus ensaios e mais propenso a discernir o significado das palavras. Vejamos o exemplo a propósito de *sentir*: se em francês *sentir* aponta para a experiência do olfato e do sabor, *sentir* em português está mais ligado ao tato, *sentir* em italiano significa ouvir e *sentir* em espanhol está ligada à experiência da saudade e de um certo lamento *-lo sinto*. Aproveitei também a mesma aula para ir à etimologia de Arte, fazendo perceber que esta vem da *techne* grega e desemboca na *Ars* latina, explicando que para os gregos, porventura, a Arte seria esse trabalho autêntico de técnica e de constante aperfeiçoamento que nos vai permitindo constituir um trabalho mais rigoroso. Utilizei como recursos dois vídeos musicais: um a propósito do filme *Rei Leão*, fundamentando o surrealismo de Walt Disney, e outro do musical *Les Misérables*, apontando para o facto de que é possível ouvirmos as categorias estéticas de sublime, poético, trágico, grotesco e feio, levando-os através desta mesma performance para o sub-*limes* kantiano que, etimologicamente, significa aquilo que fica debaixo da porta e olha para o umbral – tal como a cantora representada no vídeo apresentado.

O alicerce da metáfora é o da construção do seu bastião, cuja viga é a da palavra na vivissecção vincada da sua vigência ali mesmo a vivenciar-se em *logos* e a vivificar-se em pensamento. Todavia, se em alemão conceito aponta para *be-griff* como *aquilo que se agarra*, a etimologia alarga a sua propagação quando é portadora de metáfora. Se para Paul Ricoeur, “transportar é aproximar e des-afastar³⁵”, há que apegarmo-nos a esta movimentação própria do étimo em que o pensamento se torna sonido e surdina de sibilar filosófico que se adivinha descortinando, descobrindo no sónico da conceptualização que se desdobra, o pensamento que se torna amplificação através da sua decifração categorial, porta e pórtico de entremeadas interpretações. Da compenetração filológica à concretização pedagógica, o Professor de Filosofia tratará de tornar as etimologias veículos e motores para um pensamento que, mais do que

³³ DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980, página 112.

³⁴ *Ibidem*, página 49.

³⁵ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, Rés-Editora, Porto, 1983, página 290.

sucessão de palavras, é progressão para uma propagação de amplificação e afinação semânticas, uma vez que “metaforizar é contemplar o semelhante³⁶”. Perante a palavra, o Professor fará sempre o exercício do *re-spectum*, desse “voltar a olhar” (*re-gard*) envolvendo o som da palavra ao sonoro do pensamento que soa nas soantes da sua retomada sempre inteira. Aprofundando ainda mais a questão, importa referir que Tzvetan Todorov vai mais longe ao referir que “para pertencer à linguagem, uma entidade deve estar apta para a repetição; senão arrisca-se a ser insignificante³⁷”, preservando aqui o respeito pela palavra no rescaldo da sua propagação tal como as ondas do som que se espargem umas sobre as outras numa propagação etimológica que fará Michel Foucault na sua *Ordem do Discurso* apelar para a tónica da *reaparição* da palavra que “falaria até ao infinito³⁸” e de uma *recitação* que estaria desde sempre no “ponto de partida da palavra³⁹”. Clave porque dimana o som e conclave porque participa da reunião entre raiz e radical, o étimo capacita e estrutura a ponte entre histórico, filosófico filológico num trabalho polissémico que o intrínseco do étimo permitirá escutar de uma forma rigorosamente nítida.

Se a palavra pode ser *logos*⁴⁰ e *resis*, simultaneamente *discurso* e *palavra*, o pensamento é essa *euresis* – descoberta⁴¹ -, num discernir que a todo o momento procura a cumplicidade das suas harmonias lexicais entre o som do ensino e o sonoro do etimológico, tornando *heurístico* o pensamento do autor que se adivinha através do étimo. É justamente essa aptidão da palavra como núcleo de apetência e catalisadora fónica de um pensamento apetrechado e apegado ao seu tímpano etimológico, que guinda e alavanca o étimo que em pensamento se indaga e avança. Assim se explica que Ricoeur aborde a questão da metáfora como impulso para um “pensar mais⁴²” sem se despojar de um tempo que é o da sua *transferência* espontaneamente a acontecer *como* propagação que lembra a afinação perante o afinado ouvido de cada aluno. O próprio filósofo refere mesmo que “transpor a distância é simultaneamente reconhecê-la⁴³”, num recurso instaurador crítico em que o timpanizar etimológico é propagação reflexiva

³⁶ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, Rés-Editora, Porto, 1983, página 47.

³⁷ TODOROV, Tzvetan, *A Poética da Prosa*, Edições 70, Coleção Signos, Lisboa, 1979, página 213.

³⁸ FOUCAULT, Michel, *A Ordem do discurso*, Relógio d'Água, Lisboa, 1997, página 20.

³⁹ *Ibidem*, página 21.

⁴⁰ RIBEIRO, Álvaro, *Liceu Aristotélico- Lógica e Psicologia*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, página 22.

⁴¹ PEREIRA, Isidro, «Descoberta» em *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990, página 244.

⁴² RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, Rés-Editora, Porto, 1983, página 19.

⁴³ RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, 1997, página 37.

de vibração sonora tornada constantemente “interpretação recuperada⁴⁴”. Há justamente uma *audiência* da palavra (*hорchen/audire*) que é sempre a da sua legítima *obediência* na legibilidade etimológica de um dado pensar-se (*gehорchen/ob-audire*⁴⁵) como desígnio e destino de pertença (*zugehoren*).

A etimologia conduz-nos para uma “explicitação da evidência⁴⁶” que é a do pensamento como “reflexão de reapropriação⁴⁷”, que vai buscar à hermenêutica esse *-re* da *reflexão*, fazendo nascer em cada étimo o *re-* da responsabilidade filosófica que *ressoe* e faça soar em pensamento. Mais do que *reflexão*, o apelo da metáfora como *reapropriação*, é o da etimologia sempre exposta no campo da sua interpretação auditiva para que a propagação da etimologia amplifique o somido do pensar pelo sonoro da palavra a soar ou a ressoar criticamente, dando ao étimo esse valor maiêutico e heurístico que se desabrocha para alinhar e nivelar autor e pensamento. É preciso ir ao ouvido original da palavra, mais do que escutar as suas prosódias polissêmicas igualmente ricas. É claro que, progressivamente, a etimologia começará a ser tomada de consciência profícua e prolífera para um discurso filosófico que se torne análise hermenêutica de craveira filológica. Todavia, o cerne está no facto de que entre pensamento e palavra, a harmonia é a da amplificação como propagação e da afinação como apropriação categorial, onde o étimo enfaixado é faixa de pensamento e fascículo de conceito no seio de cada autor. Dando um exemplo da situação acontecida em aula online: se *Des-cartes* significa “uns mapas”, porque não aproveitar o nome do autor para apelar ao seu mapa de raciocínio que o inscreve como matemático e como racionalista geométrico, vendo até na matemática uma das respostas aos cétricos? E o que dizer das ideias *adventícias* que são aquelas que *advêm* de algo e, portanto, só poderão estar ligadas às sensações exteriores? Tal como Ricoeur e Heidegger nos referem, é preciso que o Professor de Filosofia esteja constantemente à *escuta* do Ser da palavra⁴⁸, escutando e dando a ouvir essa escuta rigorosa afim de que se possa *timpanizar a filosofia*⁴⁹.

⁴⁴ RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, 1997, página 77.

⁴⁵ RICOEUR, Paul, *O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica*, Rés-Editora, Porto, 1983, página 439.

⁴⁶ RICOEUR, Paul, *Do Texto à Ação: ensaios de hermenêutica II*, Rés-Editora, Porto, 1983, página 81.

⁴⁷ RICOEUR, Paul, *O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica*, Rés-Editora, Porto, 1983, página 322.

⁴⁸ *Ibidem*, página 439.

⁴⁹ DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980, página 11.

Nestes palmilhares etimológicos entre Professor e Aluno, põe-se a craveira da “margem-marca-marcha⁵⁰”, em que a vibração do som ao pensar-se criticamente e a propagação do estalido ao conceber-se etimologicamente, criam no ouvido do aluno essa acústica hermenêutica de tímpano filosófico. Mais do que o *trace* de Levinas, importa salientar que *esta* marca em francês é sulcada (*frayé*) como uma abertura (*frayage*) e um *sulco*⁵¹ no caminho *do* e *para* o pensamento, que é já e sempre, caminho *de* pensamento que se *de-fine* como campo de extensão que deixa sempre a sua margem. Por isso, e para não esquecermos o intento deste relatório, é sempre justo voltar à pergunta de Foucault na sua *Ordem do Discurso*: “o que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra?⁵²”, como se cada etimologia fosse num som de pensamento, uma timpanização de lexical momento que, sempre pronta a vibrar e amplificar, afina a Filosofia na escuta atenta da sua polissemia rigorosamente escutada, escamoteada e escrutinada.

Relembrando o esquema inicial, tal vibração etimológica existirá se - como veremos em seguida -, formos do *estalido* da raiz ao *estampido* do radical, formando inteiros esse *estrépito* etimológico que se dirige como estentóreo estatuto ao pavilhão auditivo de cada aluno. Afinemos, então, a nossa reflexão.

Do estalido da raiz ao estampido do radical: o estrépito estentóreo etimológico que fecunda a entoação hermenêutica

Numa simbiose entre Filosofia e Filologia, pretende-se que o estalido ou estampido do étimo formem essa sintonia de afinação que afirmem a entoação do ouvido hermenêutico. Do estalido da raiz ao estampido do radical, o étimo é estrépito estentóreo em que Filosofia e Filologia se agregam numa orgânica cujo intento é sempre o da firme preservação de uma tensão entre palavra e pensamento e, o mesmo é dizer, entre Filologia e Filosofia. Estrépito estentóreo, porque o étimo estatui e estatui-se como som para dar azo à entoação hermenêutica numa clave de diapasão filológico que nunca poderá estar em surdina. Se a etimologia é *arché* (*princípio*) de uma Filologia, ela é também *arché* (cujo significado aponta igualmente para *poder*⁵³). Entoar a construção de um pensamento pela etimologia, é ver na mesma a fundação e a fundamentação de

⁵⁰ DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980, página 42.

⁵¹ DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, Perspetiva, São Paulo, 1999, página 75.

⁵² FOUCAULT, Michel, *A Ordem do Discurso*, Relógio d'Água, Lisboa, 1997, página 34.

⁵³ PEREIRA, Isidro, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, 1990, página 82.

um pensamento em sala de aula, cuja fundição vê no estrépito do filológico o modo do conceito desembocar *para* a entoação fundacional e fundamental de uma exegese filosófica, que só se fará meticulosa quanto mais cuidadosa for a sua funcionalidade.

No dia 29 de outubro, na aula 17 de Lógica, explicara-lhes que, tal como os étimos, também as letras nos transmitem segredos. Com o intuito de que soubessem as variáveis proposicionais $\neg P$, $\neg Q$ e $\neg R$, fizera-os pensar nos três instrumentos do trabalho filosófico respetivamente: **P**ergunta, **Q**uestão e **R**esposta. Para a questão de que o valor de verdade pode corresponder tanto ao que é Verdadeiro como ao que é Falso, aludi-lhes à etimologia da palavra *Verdade* – *aletheia* -, referindo-lhes o *Lethes* do esquecimento como algo negativo que nos sai da memória. Portanto, se pensarmos na etimologia, conseguimos depreender que o valor de Verdade pode ser Verdadeiro ou Falso também.

Pensamento em forma e pensamento que se conforma, é preciso que a entoação do discurso alinhe e afine esse estampido em que a figuração filológica ultrapasse a representação etimológica para, sendo com *ela* e mais além *dela*, ensaiar a entoação da Filosofia num estentóreo que sonde o próprio ouvido hermenêutico numa pergunta que faça a ponte entre ambos e seja uma leitura de escuta. No fundo, do estalido da raiz ao estampido do radical, o étimo é no conjunto esse estrépito estentóreo que ressoará para dar significado à entoação do hermenêutico e legitimar o cunho pedagógico que *filosoficamente* o étimo possui.

Tratando-se de uma aula sobre o Objetivismo estético, questionei os alunos sobre o que para eles seria algo “objetivo”, deixando as suas palavras no lado direito do quadro (“claro”, “preciso”, “nítido”, entre outras). Assim, fazendo a etimologia de *objetivo* como aquilo que se lança, *ob-jaectare*, fi-los compreender que a questão do *objeto* lançado tem a simbólica da “precisão” e da “afinação” que se constrói em cada lance, dando o exemplo do Discóbolo de Míron, escultura assaz famosa que a maioria conhecia. Através da temática dos atletas, explicara-lhes que em grego “ginásio” se traduz etimologicamente por “estar nu” e que o objetivo de algo era também esse despír de ornamento e essa nudez integral das coisas precisas, claras e nítidas abundantes na senda de um critério por demais esclarecido e, por isso, esclarecidamente autêntico.

Se inicialmente senti uma certa resistência nos termos em grego que eram mais aclamados pelo seu projeto auditivo dada esta constituir uma linguagem diferente para

muitos alunos - situação que não aconteceu nos étimos em latim -, logo me apercebi que a questão auditiva seria fulcral para relacionar com a parte escrita e esboçar esse intento da *escrita em voz alta*. O mesmo sentira para alguns termos em alemão, o que não fez com que os alunos aderissem mais facilmente. Uma vez que o método etimológico é sempre o do prazer de um texto “para além e ao lado dele⁵⁴”, importa deixar claro que esta componente etimológica serve de metodologia para o aluno de Filosofia para o auxiliar no estudo e na prática de um ensaio por exemplo, ao descobrir e descortinar novas práticas de reflexão como autêntico *feno-texto*⁵⁵ e até no seu próprio método de raciocínio ao abrir novas possibilidades de pensamento no descortinar de um conceito. Se, por exemplo, o aluno não souber o que significa a palavra *analogia*, lembrar-se-á que nas aulas o *ana* clássico aponta para aquilo que é semelhante e lembrar-se-á do argumento analógico pela via que o étimo ajudou a construir. Se Roland Barthes escreve que “o prazer é dizível e a fruição não o é⁵⁶”, podemos justamente anichar à nossa reflexão e deixar patente que é justamente a *fruição* esse ponto de audição que ajuda o aluno a ouvir o étimo e a ouvir-se assim mesmo na audiência de cada pensamento numa autoscopia também crítica que precisa do ouvido essencial como operador funcional e instrumento de reflexão numa autêntica endoscopia do conceito que o elucidará a melhor *entrever* os seus significados. Tal ideia foi sugerida, por exemplo, pela palavra *objeto* como se lerá seguidamente: se o aluno pensa no *objeto* como algo que se agarra e manuseia e no *objetivo* como algo que é focado e que se pretende atingir,, paulatinamente o aluno compreende que *objeto* e *objetivo* estão muito próximos na sua etimologia e, mais do que isso, alargará o conceito de *objeto* não ao instrumento que se agarra mas à sonância científica do que uma ciência tem por *objeto* e que, tal núcleo, é também parte do *objetivo* a que a ciência se compromete. Como tal, se na epistemologia o *objeto* é o conhecimento, o *objetivo* desta disciplina é trabalhar e fundamentar o que se pretende como conhecimento. Se na Estética o *objeto* é o Belo, então o *objetivo* de tal disciplina filosófica é legitimar os matizes em que *esse* Belo se insere e tomá-lo/torná-lo *objeto* de reflexão. O que se pretende é uma incidência de focagem sonora que situe e localize o ouvido do aluno no rigor do espaço filosófico e num *locus* que o reflita rigorosamente *in situ* na sonância e ressonância do seu conspecto reflexivo. Veremos (ou ouviremos), então, como tal se aplica: apontando as três razões do objetivismo

⁵⁴ BARTHES, Roland, *O prazer do texto*, Coleção Signos, Edições 70, Lisboa, 1983, página 51.

⁵⁵ *Ibidem*, página 53.

⁵⁶ *Ibidem*, página 58.

estético de Beardsley através de quadros, transmitira-lhe as razões da mesma pela sua etimologia. Como tal, as razões genéticas apontam para o *Gê* da terra e para uma determinada origem, causas e condições que estão na obra de Arte. Quanto às razões afetivas, mostrei-lhes um quadro de Caravaggio (o de São Tomé a tocar no corpo de Cristo), fazendo-lhes ver que aquilo que nos toca é também aquilo que nos *afeta* como o *feto* que à nascença é tocado pelo espermatozoide no óvulo, e que as palavras nos transmitem segredos pelas suas etimologias. Por último, quanto às razões objetivas (unidade, complexidade e intensidade), apontara-lhes as características de tal imagem através da mnemónica *UCI* que nos lembra uma cadeia de cinemas, mas cuja mnemónica pode servir para, tal como o cinema, pensarmos as imagens no seu triádico conjunto.

Firmando a prova de que as aulas de Estética podem ser uma combinação entre palavra e imagem, numa iconografia cujo tropo é o do étimo a ser escutado, mostrei-lhes pintores de uma inteira subjetividade. Sob o bastião do primeiro – Edgar Degas -, um aluno perguntou a nacionalidade e explicara-lhe que, se o quadro era de *ballet*, esta sonorização era fortemente francófona. Pegando na biografia do pintor Van Gogh que cortara a orelha e ligando-a ao subjetivismo estético, referira-lhes que a palavra *obediência* vem de *ob-audire* e que o pintor-autor teve de *audire*, escutar a sua expressão e que o subjetivismo estético de Van Gogh fora tão radical que o corte da sua orelha trata-se de um dos apontamentos mais conhecidos em toda a História da Arte. Também um autor sofrera com a subjetividade do ouvir, Goya, pois que *ouvindo* os seus fantasmas interiores, pintara quadros muito característicos que ilustrava as coisas que *escutava* e a que *obedecia* pintando nesse *ob-audire* de expressão profundamente subjetiva.

Registo e regra, a palavra rega a Filosofia num renascimento e numa renovação que, olhando o ancestral, projeta para a aula de Filosofia essa linearidade de História da Filosofia que é também translinearidade da História do étimo. Se nos salienta Wittgenstein nas suas *Investigações Filosóficas* que o Professor faz o *aceno correto* e que “é este o aspeto de ensinar e aprender⁵⁷”, a Filologia compreende esse gesto de aceno que é, por excelência, o do pensamento agregado nas suas *concatenação* e *concretização* reflexivas. Este é o dúplice da palavra, o de ser testemunha da sua lavra

⁵⁷ WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tratado Lógico-Filosófico: Investigações Filosóficas*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1995, página 604.

que a si mesmo fala e comunica para se labutar, mas também o de ser som que se entoa do estalido da raiz ao estampido do radical filológico para ressoar no hermenêutico em que se tornará conceito e categoria. A composição da palavra consistirá sempre nessa charneira de colaboração e concatenação filosófica e filológico-histórica, servindo a etimologia como autêntico catálogo e inventário que elenca as palavras numa galeria em que cada autor as toma como categorias, mas que ao Professor de Filosofia cumpre fazer escutar e dar a ouvir. Numa *récita* que declama o autor pela sua tábua de categorias – a aula de Filosofia –, poderemos mesmo afirmar que o étimo conjuga esse primacial de entoação numa propedêutica para que determinado filósofo se apresente pelo *seu* índice de palavra em som, desenhando com *esta* as harmonias *soantes* de um pensamento *sonante* sob as *sondagens* de um percurso filológico-histórico que sonda constantemente o filosófico. Para que a palavra seja numa aula de Filosofia esse acrescento que aumenta a amplificação do pensamento para tornar o autor mensageiro e mediador, é preciso que do estalido da raiz ao estampido do radical, se erga rigoroso o estrépito categorial e conceptual numa entoação de ouvido hermenêutico que, mais do que deixar escutar autenticamente, embrenha-nos numa leitura de escuta como soma de impressão e expressão de pensamento que Heidegger não esquece no seu discurso mensageiro: “antes de falar, o Homem deve novamente escutar, primeiro⁵⁸”.

Numa escansão que distribui a palavra para a tornar interpretação filosófica, este sónico filológico é sempre *dito* e *dizente* ilustrativo que inere ao pensamento para o tornar entoação hermenêutica de reflexão filosófica; entoação, porque convoca e convida ao assumo do seu tom de pergunta a se sondar e na qual se alicerça a tomada de escolha por um determinado étimo; hermenêutica, porque esclarece conduzindo a etimologia à sua manifestação de responsabilidade filosófica, rigorosamente empenhada na legibilidade consonântica entre dito pensamento e na legitimidade entre conceito e autor. Há quase um *erzählen* alemão numa narrativa que se *conta* (pela etimologia) e se *conta* (como *zahlen* pelas diferentes épocas da filosofia), em que o pensamento é ressurgimento constante de uma evocação/entoação portadoras de filosófica mensagem, torneando sempre como classificação conceptual as épocas e os autores que usaram as palavras de forma diferente nas suas demais categorias. Como exemplo, proporemos a palavra *transcendente* que, se na Idade Média significava as coisas da ordem do divino,

⁵⁸ HEIDEGGER, Martin, *Carta sobre o Humanismo*, Coleção Filosofia e Ensaios, Guimarães Editores, Lisboa, 1987, página 40.

Kant usara sob o lastro do *transcendental* para diagnosticar as possibilidades do conhecimento e que, posteriormente, Jean Wahl teorizaria como *trans-ascendência*; ou até, por exemplo, a de uma *Theoria* como contemplação que, do teórico à teoria, deve sempre ser submetida ao seu *olhar contemplador* aquando do seu primacial etimológico⁵⁹.

Do estalido da raiz ao estampido do radical, importante é dissecar o entrosamento entre ambas as áreas de modo a que a palavra seja sempre momento esdrúxulo no sónico que acentua o pensamento tornado, mais do que dito, escuta de Filosofia escrita e inscrita no seio da sua acústica etimológica. Categoria ou conceito, o étimo faz-se pensamento na integralidade da sua discursividade que ouve atenta a sua entoação hermenêutica para colocar a Filosofia ao dispor da Filologia, como se cada categoria tivesse já no seu interno o intento filosófico com que expressa a intenção do pensador intrinsecamente e intimamente escutado. Numa *vontade de verdade*⁶⁰ a que é preciso cuidadosamente estar atento, é preciso ouvir e escutar o estalido da raiz e o estampido do radical, pois o étimo é no seu conjunto estrépito que trabalhará o ouvido hermenêutico do aluno. Se para fundamentar a *teleologia* em Stuart Mill/Bentham me servira do inicial *telos* – que assume a *finalidade* -, tal não significa que não possamos tomar como expressão a palavra inteira no sufixo *logia* como estudo e racionalidade e apontarmos, biograficamente, para a importância de Stuart Mill no campo da Lógica. O importante é, *para* e *perante* o aluno, assumirmos a franqueza do prefixo e não a fraqueza do sufixo.

A Filosofia é ouvido atento de que a etimologia é tímpano e a Filologia se timpaniza, enxergando e discernindo nas *audições* da etimologia, as *audiências* de uma Filosofia a ouvir-se a si mesmo sob o diapasão do étimo feito conceito e tornado categoria. Numa autêntica leitura que se escuta, importa perceber o étimo e consagrar-lhe uma análise importante que o faça ser, mais do que verbo a se ouvir, escuta de mentalidade e escuta de tempo a acontecer. Mais do que o dizente estalido que procura o estentóreo estatuto do conceito filosófico, em Filosofia a etimologia é *responsabilidade num re-specere* que é sempre o da assunção das suas infinitas

⁵⁹ PEREIRA, Isidro, «Theoria» em *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, 1990, página 801.

⁶⁰ PEREIRA, Isidro, «Aletheia» em *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, 1990, página 17.

possibilidades numa *liberdade recordadora*⁶¹ de Barthes e num *aparelho ressurrecional*⁶² dessa *linguagem endurecida*⁶³ que é, em Filosofia, uma essencial *obsessão de compromisso*⁶⁴.

A palavra é soante de que a Filosofia é sonante e, por isso, a etimologia ser o estrépito que busca na entoação do ouvido filosófico essa afinação aguda de hermenêutica astuta. Na charneira de uma Filologia, a craveira etimológica é gíria de que a Filosofia se imprime no jargão da sua expansividade pensada: este é o cúmulo da vibração auditiva da Filosofia, que é sempre ampliada e amplificada pela palavra na sua acústica rigorosa que se agrupa para se aglutinar mais em imagem e mais em mensagem. Porque a palavra escorrega também nas vicissitudes do seu deslizar – dadas as componentes hermenêuticas em que se foi situando -, é preciso esvaír e ouvir o flutuante pensamento que a torna líquida, nessa massa de ouvido atento que a torna permeabilidade entre pensamento e palavra que permeia entre o histórico, o filológico e o filosófico. Mais, se para a Filologia a etimologia é a do tempo da expectativa, para a Filosofia o étimo é o do tempo da espera, que aguarda solenemente o momento autêntico em que a celebração pelo étimo entoe uma Filologia *feita* Filosofia.

Se Roland Barthes salienta que “não há linguagem escrita sem um rótulo⁶⁵”, a etimologia surge como esse *grau* que já não é *zero* mas que contém em si o *trace* lembrando o *sulco* de Levinas e Heidegger, vestígio e marca que o Professor de Filosofia fará acústica nas suas aulas, procurando no estalido da raiz e no estampido do radical, esse fônico exegético prenhe de responsabilidade hermenêutica. Assim, se em *theoria* há o *theos* da contemplação e o *horon* da visão como nos recorda o pensamento heideggeriano⁶⁶, este estrépito do étimo que soa é, mais do que um *grau zero* de *infralinguagem*⁶⁷, um “sonho e ameaça⁶⁸” em que o *sonho* que se rebela e revela é o mesmo que passa da reverência da entoação à referência da Filosofia como arpejo triádico entre étimo, conceito e categoria. Resta ao Professor de Filosofia reassumir a

⁶¹ BARTHES, Roland, *O grau zero da escrita*, Coleção Signos, Edições 70, Lisboa, 1984, página 22.

⁶² *Ibidem*, página 37.

⁶³ *Ibidem*, página 24.

⁶⁴ *Ibidem*, página 29.

⁶⁵ *Ibidem*, página 11.

⁶⁶ INWOOD, Michael, «Horizonte» em *Dicionário Heidegger*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999, página 89.

⁶⁷ BARTHES, Roland, *O grau zero da escrita*, Coleção Signos, Edições 70, Lisboa, 1984, página 12.

⁶⁸ *Idem Ibidem*.

palavra nessa solidariedade histórica⁶⁹” que Barthes não esquece. Se Heidegger nos aponta que “a Linguagem é a casa do Ser⁷⁰”, Roland Barthes vai mais longe e refere mesmo a palavra como *habitação*⁷¹, num refúgio que é sempre retiro de um reduto para respigar no passado as réstias dos seus rumores filológicos e remares filosóficos, ressoando a etimologia sob o metrónimo rigoroso de um tempo filosófico permanentemente restaurado e re-instaurado em cada aula. Assim se explica que em Filosofia a palavra seja sempre *enciclopédica*⁷² e que abunde na sua *geologia existencial*⁷³, para ser dito e pré-dica de uma aula que se fará leitura de escuta atenta. Agora compreendemos a razão pela qual Barthes nos escreve que “cada palavra é uma caixa de Pandora donde saem todas as virtualidades da linguagem⁷⁴” para que, como tal, possamos dar razão ao filósofo de que a etimologia possui encastrada em-si esse *alibi* como *algures e justificação*⁷⁵, que o Professor terá a sensibilidade de perguntar para justificar e de justificar para ainda mais questionar no meandro de cada explicação filológica e explicitação filosófica, afim de que a Filosofia seja esse momento de entoação rigorosa que ribomba e, ribombante, faça a escala para o ouvido hermenêutico. Ao compreender os intervalos entre Filosofia e História da Filosofia, o aluno pensará também *filologicamente* como arpejos em moldes de harmónicos ensejos sem esquecer os diagramas de históricos enlevos, em que a palavra se situou para denominar o pensamento de determinado pensador. Será sempre premente, portanto, predispor-nos a uma ressonância chamada *História* para situar rigorosamente o lastro e legado da entoação hermenêutica que, situada no tempo e no espaço, nunca deixará de ser reduto filológico de recinto filosófico.

Estouro ou Estertor: o Estatuto do Histórico

Mais do que esse *ressalto*⁷⁶ como Derrida designa a palavra, o étimo precisa sempre da sua *anagnorisis*, desse *reconhecimento* perante a instância da etimologia e a instituição da hermenêutica que a afina, pois o étimo que ressoa pela história não é o perdulário jogo da verborreia que se propala mas o pergaminho portador daquilo que, muitas vezes, é pergunta na próprio ouvido da Filosofia. Ao tratar do autor Blaise

⁶⁹ BARTHES, Roland, *O grau zero da escrita*, Coleção Signos, Edições 70, Lisboa, 1984, página 20.

⁷⁰ INWOOD, Michael, *Dicionário Heidegger*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999, página 109.

⁷¹ BARTHES, Roland, *O grau zero da escrita*, Coleção Signos, Edições 70, Lisboa, 1984, página 43.

⁷² *Idem Ibidem.*

⁷³ *Idem Ibidem.*

⁷⁴ *Ibidem*, página 44.

⁷⁵ *Ibidem*, página 25.

⁷⁶ DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980, página 360.

Pascal, conhecido sobretudo pela matéria da *aposta de Pascal* concernente aos valores religiosos (ver anexo 3), quisera fundamentar-lhes que, se por um lado a palavra *azar* provém da etimologia árabe que representa *a flor de um dado* e que em francês *par hasard* significa um certo *acaso*, então tal significava que estávamos num terreno etimológico privilegiado que nos ajudaria a pensar que acaso será este da *aposta de Pascal* que nos remete para o jogo (aposta). Será que é uma questão de sorte? Afinal de contas, o *género (le sort)* da sorte (*la sorte*), corresponde muitas vezes a um *sortido* de hipóteses que, porventura, a aposta de Pascal rigorosamente pensou e que o autor concatenou. Mais ainda, é curioso verificar que Pascal vai de Clermont-Ferrand onde nasceu para a cidade de Paris e que, justamente tomando o sonoro da palavra na sua aceção francesa, verificamos uma homofonia com o nome da cidade (Paris=Pari) e o nome dado à ideia de aposta (Pari). Escrutinando e escamoteando mais a ideia etimológica, pensou-se na questão da *parte* que cabe a cada um em sorte, como o quinhão das *Parcas* que davam a cada mortal a sua *parte* da sorte. Será que a *aposta de Pascal* se compõe de *partes* que exigem a *parcimónia* do seu proceder explicativo? Estamos no campo da importante ambivalência que nos deixa filosoficamente percorrer os rigores deste pensamento audível e auditivamente auditado em cada hipótese. Assim, o aluno compreenderá que a *aposta de Pascal* se dividirá em partes, que não devemos pensar somente em sorte e género de sortes e acasos que pensam o azar, mas que a Filosofia com tal esquema mental, serve para muitas questões do nosso quotidiano e nos ajuda a situar e a localizar aquilo que em nós merece soar e ressoar como se se tratasse de uma análise S.W.O.T., instrumento que muitos alunos *poderão* usar mais tarde nos seus afazeres profissionais. Ou numa metodologia da etimologia que até se estende ao problema do mal, e que em francês aponta para chance (oportunidade) na sua palavra *mechanceté* (ver anexo 3) Será que o mal é uma *chance* ou uma *oportunidade* para me redimir? E a *Teodiceia* em Leibniz, não será mais que uma *justificação* para uma *justiça* divina?

Assim se comporta a idiossincrasia da etimologia para o Professor de Filosofia, em que o pingente do étimo é o pujante para a sala de aula que pugna deliciosamente para não deslindar o radical nem a raiz, mas considerá-los em toda a sua interpretação. Do rasgo ao resgate, o étimo é constante *rumo* portador de ressonância histórica como estatuto de tempo ali mesmo a soar. Tal paralelismo sonoro deve-se à cadência do étimo que se propaga como a vibração das ondas, atravessando o tempo da sua filologia para,

no diâmetro do seu auscultar interno, constituir e construir o estertor histórico como *ressonância* nos campos do que se pode chamar *História da Filosofia*. Pela etimologia, a aula de Filosofia é sempre uma aula de História da Filosofia, em que se explica o étimo pela sua evolução e evocação como interpretação. Mais do que a metáfora, a palavra tem uma vocação que é a do seu permanente *querer dizer*⁷⁷, numa demonstração enfática em que da sonoridade do étimo à sonorização do conceito, o étimo é reunião, revisitação e recorrência, numa representação de *vor-stellung* que se coloca *perante* o texto e *perante* o autor como análise de fiel correspondência. Se num primeiro momento a etimologia abunda como recorrência e/ou revisitação, num segundo instante o estalido quer virar estampido e ressoar estouro para uma História da Filosofia que centra a etimologia no seio de um eixo conducente. Podemos mesmo dizer que numa ressonância em que a História escuta a Filosofia no seu estatuto, o étimo carda e é ponto de *sutura*⁷⁸, como nos lembra Levinas a propósito do dito no seu *dizer original* ou *pré-original*⁷⁹, onde a palavra se faz *logos* e se sedimenta de *an-arqueologia*⁸⁰.

Numa aula de Filosofia, a palavra é sempre estrépito, pois do estalido da raiz ao estampido do radical, premente é entoar no ouvido do aluno essa ressonância de estertor histórico que, mais do que situar o termo no tempo, define o campo polissêmico em que cada palavra se escala como repertório interpretativo num permanente ouvido hermenêutico, que é tanto mais ouvir quanto mais se dedicar à mentalidade historial que instala o conceito. Importa não esquecer o papel heideggeriano perante este cunho historial, uma vez que o pensador expressa que “enquanto a linguagem é levada plenamente, a sua essência é historial⁸¹”. Sob o escopo de uma *ressonância* que é sempre incipiente, iniciadora e indicadora, mas sempre indagadora para o espaço comum da disciplina pensante, o étimo é, sob e sobre a História da Filosofia, esse estertor de baluarte essencial trazendo nas vibrações do autor as ressonâncias históricas que se enfileiram para mais se ouvir, qual recorte de rebordo em que o sonoro se faz remendo e se vai soando e na presteza firme do seu repertório etimológico como

⁷⁷ LEVINAS, Emmanuel, *De outro modo que ser ou para lá da essência*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, página 57.

⁷⁸ *Ibidem*, página 33.

⁷⁹ *Ibidem*, página 27.

⁸⁰ *Ibidem*, página 28.

⁸¹ HEIDEGGER, Martin, *Carta sobre o Humanismo*, Coleção Filosofia e Ensaio, Guimarães Editores, Lisboa, 1987, página 94.

autêntica revelação. Afinal de contas, já nos diz Roland Barthes que “não há rasgão (...) mas apenas revelação progressiva⁸²”.

Uma vez que a matéria versava sobre os Valores de Verdade, quis que os alunos se detivessem numa expressão crucial, mnemónica frásica, prometendo-lhes que tal expressão os iria acompanhar no seu estudo da matéria. Como tal, escrevera no quadro “Viver é Filosofar”, quer na horizontal quer na vertical. Na vertical, apontara com uma seta as vezes em que aparecia os valores de verdade “V” e “F”, discorrendo assim que, quando se faz uma tabela de verdade, VVFF, podemos pensar na frase “Viver é Filosofar” e assim nunca mais nos enganamos. Quando surgem três conectivas e a última é sempre R, visto serem -P, -Q e -R, indicara-lhes palavras como *Renascimento*, *Regeneração* e *Repetição*. “Então”, comunicara-lhes, “será só repetir duas vezes cada palavra da frase” “Viver Viver” é “Filosofar Filosofar”, retirando a ideia matriz: os VVVV e os FFFF. Se às tautologias, fundamentara que é necessário tirar o -T e que -*authos* nos suscita a palavra “autêntico”, concluíra que “só sou autêntico se for verdadeiro em todas as linhas da minha tabela”, elucidando-os de que no grego antigo *ta auto* significa *o próprio* também.

A etimologia é *sempre* nostalgia de uma Filologia e, por isso, a Filosofia ser essa ordem de regresso que a leva adiante – re-ssonância e ressonância – para a lonjura da sua extensividade e para a longevidade da sua expansividade, dando azo a uma capacidade e capacitação do étimo como palavra, ideia, categoria ou conceito que se escuta historicamente e filosoficamente. Este é o *corpus* da *ressonância* etimológica, numa dilatação que nunca é divagação apátrida ou estrangeira, mas revisitação constante dos escolhos metafóricos que a Filosofia aprendeu a sustentar para mais se sublinhar e sublimar como *lembrança* ou *expectativa*⁸³, destino que *só* o étimo pode cumprir e fazer soar. Incumbe ao Professor de Filosofia este tornar inerte e pôr ao abrigo a palavra que se rasga e resgata para mais se reestruturar como discurso e mais se regenerar como pensamento num inextricável ensejo entre etimologia e pensamento. Como tal, o radical etimológico e o seu alavancar hermenêutico são sempre reféns dessa “significação que precede a própria essência⁸⁴”, como nos dirá fielmente Levinas, pois

⁸² BARTHES, Roland, *O prazer do texto*, Coleção Signos, Edições 70, Lisboa, 1983, página 44.

⁸³ LEVINAS, Emmanuel, *De outro modo que ser ou para lá da essência*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, página 120.

⁸⁴ *Ibidem*, página 35.

que a fidelidade da palavra é a da sua resposta à etimologia tomada como reflexão numa acessibilidade portadora de mensagem.

Numa crispação constante que ressoa, a Filosofia vê na História o espaço para a recorrência e para dignificar o estrépito do étimo, qual enervamento de sincronia e diacronia em que a Filologia se torna *entoação e ressonância histórica* para mais se interpretar filosoficamente. Aprofundando mais, quero com isto significar que a Filosofia não regista somente a Filologia como repertório sonoro, mas vai ao ponto de a redimir numa precisão transformada em ferramenta e funcionalidade, onde a própria disciplina filosófica se confessa filológica num dialógico que a cumpre na interlocução da sua finalidade ou, como diria Roland Barthes, numa certa *instrumentalidade*.⁸⁵ Porventura, estaremos no terreno de Tzvetan Todorov que afirma que “a linguagem é, ao mesmo tempo, mediadora e mediatizada⁸⁶”, espectro sonoro em que o *reconhecimento* se interliga para dar azo ao conhecimento entre palavra e pensamento⁸⁷. Sob esta ressonância, os Professores de Filosofia podem ser tomados como dialógicos mediadores que terão de redizer o étimo a ressoar plenamente como estertor de estatuto histórico, ouvindo no desígnio da palavra essa desinência entre Filologia e História da Filosofia, onde “a Filosofia é chamada a pensar a sua ambivalência⁸⁸”. Este é o focal e fulcral em Emmanuel Levinas, em que o *dito de dizer identificador*⁸⁹ penetra justamente na sinceridade do *Dizer*⁹⁰ numa *exposição da exposição*⁹¹ onde a disciplina filosófica se tornará *exaltação da linguagem*⁹².

Audiência e audição: a auscultação etimológica

Frincha e fresta de luminária no ferrolho que impregna a palavra da sua etimologia latente, a palavra aparece encastoadada desse pórtico chamado *Tempo* que, se por um lado lhe possibilita a emergência de uma narrativa em que a Filosofia se pode consumir em História da Filosofia, por outro lado a palavra é cravejada por essa

⁸⁵ BARTHES, Roland, *O grau zero da escrita*, Coleção Signos, Edições 70, 1984, página 64.

⁸⁶ TODOROV, Tzvetan, *A Poética da Prosa*, Edições 70, Coleção Signos, Lisboa, 1979, página 34.

⁸⁷ *Ibidem*, página 36.

⁸⁸ LEVINAS, Emmanuel, *De outro modo que ser ou para lá da essência*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, página 176.

⁸⁹ *Ibidem*, página 158.

⁹⁰ *Ibidem*, página 158.

⁹¹ *Ibidem*, página 166.

⁹² *Ibidem*, página 192.

abertura firme e fixa da sua entoação *latente e patente*⁹³, num eco ricoeuriano *desse* “explicar mais é compreender melhor⁹⁴”. A etimologia é portinhola e pórtico para uma porta maior: a definição filosófica. Quando abordo a questão da entoação – e seguindo o percurso da palavra como voz e vocação etimológica -, pretendo ressaltar que, escoltado pela ressonância do tempo, o étimo tornado conceito cria no ouvido hermenêutico do aluno a emergência de um soar crítico e criterioso de que a hermenêutica se fará consonância num tempo determinado. Tal como um réu vai a tribunal, o étimo vai à *audiência* do ressoar histórico passando pela *audição* do afinar hermenêutico, para que possa rigorosamente afinar o ouvido hermenêutico do aluno, ou não fosse a pedagogia filosofia pelo étimo esse legado ricoeuriano preche de *memória e memorial*⁹⁵.

A palavra é sempre – tal como a voz – configuração latente que, se o tempo torna índice, a aula de Filosofia fará prefácio do seu pensar hermenêutico e preâmbulo do seu descortinar propedêutico, momentos próprios de uma disciplina que também se inaugura no ouvido do aluno como comunicação *da e pela* palavra portadora a todo o momento de mensagem reflexiva. Tal questão remete-nos para Jacques Derrida na circunstância de que “é preciso retomar a posse da nossa voz perdida⁹⁶” para que a etimologia possa, através da *audiência* do histórico e da *audição* do hermenêutico filosófico, percutir as vagas em que os pavilhões do tempo tornem cada étimo escuta atenta de ouvido arqueológico. Sob este processo, Professor e Aluno constituir-se-ão como ouvintes e auditores, aliciando na acirrada etimologia essa escuta dócil e dulificante, que é a de torná-la portadora de um pousio que ali mesmo se lavra para mais se cultivar em pensamento e esclarecimento. Este é o profícuo e o prolífero do étimo: o de ser solo ágil que permite o aquartelamento da palavra nas suas demais posições e, ao mesmo tempo, o de se alojar e alijar no conceptual que o filósofo tornou categorialmente em conceito afim de ser *audição e audiência* de elucidação exegética e, o mesmo é dizer, de elucidação intencional que expressa uma fundamentação que melhor faça compreender o autor e a sua estrutura de pensamento.

⁹³ RICOEUR, Paul, *O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica*, Rés-Editora, Porto, 1983, página 67.

⁹⁴ RICOEUR, Paul, *Do Texto à Ação: ensaios de hermenêutica*, Rés-Editora, Porto, 1983, página 46.

⁹⁵ RICOEUR, Paul, *O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica*, Rés-Editora, Porto, 1983, página 368.

⁹⁶ DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, Perspetiva, São Paulo, 1999, página 244.

Mais do que um episódio pedagógico, o trabalho da etimologia convida cada aula de Filosofia a um acontecimento próprio. Na carneira em que se elencam os inventários das etimologias e as catalogações das filologias, existe uma craveira de vocação que só a Filosofia poderá tornar *audiência* e *audição* nas suas demais excursões pelo pensamento, percutindo e repercutindo no legado do conceito o lastro de uma audição que o tempo deixou registado e de que a aula de Filosofia fará permanente registo. Todavia, a etimologia tem som e, do som ao vagido, o seu apelo é o de um clamor que troa e retumba adestrado afim de dar à pedagogia o canto firme do seu escandir e decantar hermenêuticos, pois só esta disciplina que convida alunos a entrar no alvor da maternidade pode conceber que o amadurecimento da colheita torne fecunda a exegese que a interpretação faz germinar pelo expressivo da sua intenção.

Afinar na etimologia o seu diapasão permanente, é perguntar por um deslindar melódico que, agudizado de significado, transmita o seu troar tonitruante perante a nitidez que – coalhada de andamentos segundo a interpretação de tempo a se inscrever no evolutivo da palavra -, entorna-se e torna-se em cada aula um momento de amadurecimento filosófico. Do *Adágio* da escuta do étimo ao *Moderato* da mensuração hermenêutica, o *Presto* da etimologia é o de uma prestação que se faça audiência e audição, educando a afinação crítica no ouvido de cada aluno. Assim se compreende que a etimologia surja como autêntico metrônomo de pensamento, vendo-se apta a captar e a capacitar os ritmares de um raciocínio como batuta firme e conducente de uma estruturação própria, que é a da sua comutabilidade étimo-conceito para se suscitar como intenção e intencionalidade, ponte de reflexão e estrutura de fundamentação, cuja arquitetura começa pela nervura da sua arqueologia etimológica.

Tal como a música tem as suas variações dobrando-se e os seus pontos de fuga desdobrando-se, o étimo colhe na Filosofia a harmonia constituída do seu pensar, que exige e pede um rigor de mensuração pronta a surgir. A palavra é vivificação nos órgãos do texto pela dissecação urgente de uma hermenêutica que complete o diapasão em que cada época se torne tónica de afinação. Se o termo *ideia* em Platão correspondia a arquétipos do conhecimento, em Descartes a mesma palavra terá outras conotações (ideias inatas, factícias e adventícias). Mais do que o podar de um solfejo que faça o aluno entrar pedagogicamente na Filosofia pela escuta do étimo, pretende-se a afinação de um ouvido hermenêutico que se faça construir na cadência do pensar como exercício sólido e solista de um pensamento rigoroso que comece pelo étimo e vá,

paulatinamente, cimentando e sedimentando um pensamento mais fundamentado e solidamente fomentado.

Por estarmos no dia 11 de Novembro e ser este o dia da morte de Soren Kierkegaard, aproveitara para começar a aula por este pensador. Uma vez que estamos na área da Estética – que é mais do que Filosofia da Arte -, dera-lhes a conhecer a divisão do Homem kierkegaardiano (Homem ético, Homem estético e Homem religioso) e aconselhar-lhes a leitura de “Estética do Matrimónio” do mesmo autor, apelando para a disciplina estética como transversal a todo o pensamento filosófico. Como fora esta uma aula dirigida à teoria da Imitação e às suas objeções, fundamentara-lhes a etimologia de imitação (*mimesis*) apontando para um mimo que também tinha a anáfora dos dois M’s (*Marcel Marceau*). Ao começar pela teoria da imitação, importava distinguir a ideia (do grego *eidōs* na sua etimologia) do fenómeno sensível, explicando-lhes que *fenómeno* vem de *phainestai* significando “aquilo que aparece”. Uma vez que se tratava da Arte como imitação, contara-lhes a história de Zêuxis e de Parrásio e, através da palavra, fizera-os ouvir a técnica renascentista conhecida por “trompe l’oeil” e que, mais uma vez, necessário era escutar as palavras para que elas nos transmitissem o seu segredo de “enganar o olhar”.

Ainda na teoria da imitação, explicara-lhes a ideia de Vitória (como ideia inteligível) e que esta vinha do grego *niké* que tinha dado a realidade sensível de “A Vitória de Samotrácia”, as asas da marca de carros Rolls Royce, a marca Nike e o nome de dois alunos da turma: se Nichita significa em romeno “o vencedor”, Vicente também significa embora sob outra prosódia. Sob a mesma esteira dos nomes, explicara-lhes que em grego *ta oma* (o igual ou gémeo) vai dar o nome Tomás que é o nome que “mais imita a imitação” (até porque a turma do 11 E1 tem dois alunos com o nome Tomás). Quanto às objeções das artes imitativas e não imitativas, explorei a questão do aluno Bernardo Ascensão me ter questionado se o cinema era uma arte não imitativa. Sob este molde, explicara-lhes que o cinema pode ser considerada uma arte imitativa por ser aquela que está inscrita no próprio nome, pois o *kinesis* clássico correspondente ao próprio “movimento”.

Sob uma capa de manto, a etimologia cobre e descobre a nudez do que nunca pode estiolar, porque fracassar é pedir ao murchar que deixe de rebentar e ao fenecer que deixe de emendar. No sopro que a vibração dobra e supre em som o gesto em obra,

não terá a palavra um reduto sussurrante como a *Consoladora Filosofia* de Boécio que adivinha os vagidos do som e os sonoros da pedagogia em tom? Mais do que signo linguístico, a palavra é na sua fenomenologia um reduto de casulo que se reflete enquanto se revela, numa metamorfose de resíduo que é sempre a de reduzir-se à dimensão daquilo que a torna grande: ser um reduto em bruto. Burilar na sua presteza é, de antemão, conservar uma centralidade e uma nervura que façam do étimo *esse* átomo de elemento que converge no dealbar de uma reflexão e que vê no cerne da intenção conceptual e categorial a construção de um maior expressar: a escuta do pensar. Mola propulsora na alavanca do seu dizer, a palavra examina-se na sua escrita e produz intenção na hermenêutica da sua exaustão, num exercício de distância historial que dirige e discerne o percurso de um determinado pensamento para mais se entender e distender, pois até nos lega Ricoeur que “a distanciação constitui o momento crítico da compreensão⁹⁷”.

A gama da palavra, por mais inextricável que seja o seu significado, conserva a tónica intencional do seu impacto harmónico, procurando sempre uma prosódia no tema da sua recitação e na categoria da sua pedagógica elucidação e, o mesmo é dizer, numa intenção tornada conceito e categoria. Este parece ser o casulo da etimologia numa “explicitação na evidência e de uma evidência na explicitação⁹⁸” que Ricoeur tão solenemente aponta. É preciso fazer justiça a essa hermenêutica da etimologia para, pedagogicamente, compreender as nuances melódicas e os matizes harmónicos de uma História da Filosofia que, ao ressoar como exegese narrativa que se ouve em ilustração *sempre* dinâmica - o étimo escrito -, soe também como interpretação numa pedagogia da Filosofia. Heidegger não esquece de pensar essa iluminura e ilustração da linguagem, referindo mesmo que “o ser chega, iluminando-se, à Linguagem⁹⁹”.

Mais do que repertório topológico, o étimo é metáfora nas suas demais incursões e roteiro histórico no propósito do seu itinerário pedagógico-filosófico. A centralidade do cerne etimológico mora no nervo com que é *diáspora* porque caminha para fora de si, *exílio* quando retorna a si para emergir diferente e *êxodo* quando se exterioriza a si. Assim nos comunicara Derrida, pois que “compreender a estrutura de um devir é perder

⁹⁷ RICOEUR, Paul, *Do Texto à Ação: ensaios de hermenêutica II*, Rés-Editora, Porto, 1983, página 61.

⁹⁸ *Ibidem*, página 81.

⁹⁹ HEIDEGGER, Martin, *Carta sobre o Humanismo*, Coleção Filosofia e Ensaio, Guimarães Editores, Lisboa, 1987, página 94.

o sentido, ganhando-o¹⁰⁰”, como se o étimo fosse esse devir prene de sentido a se ganhar e a filosoficamente mais se ultrapassar. Viés nas ameias do contorno, o étimo vive na esteira do pensar porque o percute e permite. *Escritura* porque imprime a estética do pensamento a se *constituir*¹⁰¹ e *escrita* porque os ramos variegados da sua etimologia dão corpo à reflexão a se *decifrar*¹⁰², o étimo é no seu afinco constantemente a se afinar, estrépito de expressão que se assinala e designa no campo intencional de uma entoação sempre aberta¹⁰³. No côncavo da expressão - porque exprime - e no convexo da reflexão – porque se comprime e imprime -, a etimologia é prosódia que dá tema e mote, legando para um discurso histórico a formulação de uma Filosofia auditiva como refrão de expressão tornada pensamento numa original sonorização de alargamento semântico.

É preciso sair fora do estereótipo como “palavra repetida fora de qualquer magia¹⁰⁴” e integrarmo-nos na *exceção*¹⁰⁵ que, apelo e apego de novidade, torna o aluno de Filosofia mais atento na escolha das palavras. É justamente este trabalho de exceção que a etimologia como metodologia pedagógica ajuda a descortinar e a tornar patente. Vejamos o exemplo a propósito da palavra *emoção*: uma vez que iríamos esboçar a teoria da Arte como *Expressão das emoções*, apelei para a relação essencial entre as palavras *ex*-pressão e *e*-moção (*ex*-motio) e que ambas desencadeavam um movimento para o *exterior*. Sob o cunho dessa *escrita auditiva a la* Roland Barthes, quisera descortinar um dos motivos essenciais desta questão, para que os alunos – que se consideravam conhecedores da expressão das emoções -, tomassem conhecimento da faceta emotiva e singular que presidia claramente ao externo e exterior, donde provêm os *ex* das emoções (*ex*-motio) mas que não esquecessem que o singular residia também na faceta emocional que, pessoal e individual, encontra na Arte uma expressão externa e exterior com que se forma. Uma vez que esta aula fora realizada a 16 de Novembro, comecei a aula com o nascimento de Amadeo de Souza-Cardoso, apelando também para a figura do mesmo século Santa-Rita Pintor. Uma vez que tinha de leccionar a teoria formalista da arte, começara por colocar a palavra *forma* no quadro em grego clássico (*morphé*), explicando-lhes que por metástase hoje falamos em “forma”. No seguimento

¹⁰⁰ DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, Perspetiva, São Paulo, 1999, página 47.

¹⁰¹ *Ibidem*, página 70.

¹⁰² *Idem Ibidem*.

¹⁰³ *Ibidem*, página 121.

¹⁰⁴ BARTHES, Roland, *O prazer do texto*, Coleção Signos, Edições 70, Lisboa, 1983, página 85.

¹⁰⁵ *Ibidem*, página 83.

do mesmo, e apelando para a “forma significante” de Clive Bell, mandara-os sublinhar o -C e o B- de Clive Bell e que ao lado escrevessem a palavra ComBinação, com o -C e o -B destacados mais uma vez, demonstrando-lhes que é sempre eficaz recorrermos às palavras e à sua construção no sentido de nos apetrecharmos melhor em termos de estudo. Ainda na forma significante, explicara-lhes que em francês se diz *La mer* – em feminino -, mas que a forma *mar* é sempre a mesma. Dei o mesmo exemplo a propósito da ideia de *tempo*, explicitando que os gregos clássicos tinham muitas formas de pensar o tempo, como a mitologia de Cronos do Deus que é cortado – como o *tempo* -, apelando para o recurso etimológico da palavra *cronologia* e até para as ideias de *kairos* como ocasião propícia.

Revestindo de ornamento ou adornando em filamento, a palavra convive de boa fé com a música na escolha das claves, oferecendo um diapasão fiel do seu cerne etimológico em que se escuta e dá a escutar. Acústica de vocábulo, qual solfejo de partitura filológica, o étimo afina e define nas agudezas a centralidade de um pensamento que pedagogicamente se torna partitura filosófica. Mais do que pensamento, o étimo urge ser ilustração como forma e esclarecimento como significado. Todavia, e apesar do adorno, o étimo é convidado a pensar-se na hospedagem de qualquer reflexão, onde a ideia que norteia é fiel repertório histórico-filosófico nessa responsabilidade perante a razão que significa *reor*¹⁰⁶, como um *contar* narrativamente um tempo filosófico tornado prova e prosódia de pensamento. Importa referir também que, etimologicamente, a palavra quer aprofundar-se ao seu mais ínfimo pormenor, pondo a descoberto a nudez da sua intenção, uma vez que o repouso da palavra em hermenêutica faz construir esse terreno constantemente pronto a ser cultivado e cultuado sob a rega do importante exercício humano que a adolescência apela e incita: o Pensar.

A palavra *educa*, porque conduz (*ducere*) atenta para a *obediência* (*ob-audire*) do ouvido do aluno que, paulatinamente, aprende a escutar e auscultar o que ressoa do étimo. Saber escutá-lo e sempre ouvi-lo não nos deve levar aos meandros do contorno mas às intermitências do porto seguro do seu radical. Polido porque burilado, o étimo é essa endoscopia no legar da auscultação intensiva e no respeito pela sua história

¹⁰⁶ ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais – Série Universitária, Lisboa, 1983, página 30.

extensiva, como autêntica frase melódica que deixa a etimologia tornar-se intenção e interação num “abrindo-se expectante e *perguntativamente*¹⁰⁷”.

Sonando e soando nas volutas da audiência e audição hermenêuticas, a etimologia é ressonância que empresta sempre ao timbre um vibrato que a torna ritmo e compasso, inventariando-se e constantemente inventando cada aula de Filosofia numa “explicação da fala falante¹⁰⁸”, onde a Filosofia se possa escutar e ouvir, tornando-se endoscopia de fundamentação para impelir o étimo ao seu campo de fecundação interpretativa. Pousio que nunca é repouso, o *étimo expectante* tem na sua vocação a voz dos séculos e o vozeio do pensar-se que se demora, sobretudo naqueles que viram no dirimir do étimo o discernir da memória anunciada para se demorar de extensão etimológica, cadência que Heidegger não esquece a propósito da associação entre *weilen* (duração) e *wahren* (verdade¹⁰⁹), no sentido em que a etimologia é *morada* da palavra onde a Filosofia se *de-mora*. No 10º ano, a propósito do tema da Ética, quisera pensar com os alunos a homofonia existente entre ἦθος (caverna, morada, local de habitação) e ἔθος (costume e hábito), uma vez que ambas as palavras se dizem homofonicamente *ethos*. Quando o filósofo alemão, que nunca saiu de Königsberg, fala do *sentimento do respeito* e do *dever por puro respeito ao dever*, importa compreender que esta habitação nevrálgica e esta topologia espacial (ἦθος) que reside em cada ser humano, está sedimentada e construída sob uma *morada* que a todos nós reside que é a do sentimento do respeito num filósofo que, inclusive, apela para a *Fórmula da Humanidade*. Paulatinamente, sob a *escrita em voz alta* que deixa entrever os interstícios do amplo significado, o aluno compreende que este *espaço ético* que reside em cada um de nós, dá respaldo e legitimidade a um sentimento kantiano de *respeito* e, sobretudo, a uma questão de sonância entre sentimento e respeito e, o mesmo é dizer, entre *dever* e *puro respeito ao dever*.

Também a propósito da matéria associada à ética kantiana, elaborei com os alunos uma curiosidade sobre o autor. Diz-se que o filósofo alemão fazia sempre o seu passeio por uma avenida a uma hora específica. Ora, *weg* em alemão aponta-nos para *o caminho que se marcha e trilha* – como uma avenida -, e a palavra alemã *z-weck*, que

¹⁰⁷ ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais – Série Universitária, Lisboa, 1983, página 20.

¹⁰⁸ *Ibidem*, página 21.

¹⁰⁹ ZARADER, Marlène, *Heidegger e as palavras da origem*, Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, Lisboa, 1990, página 242.

aponta para uma homofonia muito idêntica, significa *fim*, *propósito* ou *intenção*. Tal caminho etimológico torna-se interessante, pois o aluno compreende os matizes rizomáticos que um determinado étimo contém e, mais do que isso, abre as portas para a compreensão de uma ética das *intenções*, pois a ética deontológica kantiana vê na *intenção* (*z-weck*) o seu baluarte essencial.

A sensibilidade e o respeito da Filosofia, se por um lado permitem a busca na sua radicalidade etimológica como estrépito que ressoa na entoação do hermenêutico, por outro indagam-na sempre a explorar esse repertório intencional e categorial, base pesada e pensante que é lastro e legado na envoltura de cada conceito. Brado e clamor no grito expectante da sua *demora* – não esquecendo Heidegger -, o étimo é sentido e significado como chave a entrar no pavilhão esclarecido do educado ouvido.

Por isso, a palavra como etimologia nunca se adeja nem areja, mas fareja no consistir rugoso da sua dobradura vibratória, nesses caracóis de ouvido em que as suas helicoidais espirais lembram os ciclos do tempo histórico e os circuitos da cidadela filológica que sitia a cidade para a contornar de audiência e a tornear em audição crítica de natureza filosófica. Como exclamando nos andamentos de um tempo que ressoa, o trabalho da etimologia prevê também essa escuta da escrita que vê no estrépito do étimo, o vincar do estalido como raiz e o vincar do estampido como radical. Assim, o concorrente da palavra nunca pode ser a disciplina de línguas, pois que somente a Filosofia a ela retorna constantemente numa fidelidade que lembra a relação íntima entre Filosofia e Filologia no trabalho do étimo. Ingressar no seu inquérito, é querer questionar a disciplina filosófica, indagando-a e inquietando-a para deixá-la intencionalmente urgir-se como momento essencial de fundamentação sempre inaugural.

Conceito ou categoria, termo ou conceito, a etimologia goza de um convite a ser procedimento constante que pede a reciprocidade firme e fixa da reflexão. Citação no concitar íntimo do pensar conciso, o étimo só é verbo quando se soa no seu ser autêntico que cite a Filosofia para mais a dizer e significar, num discurso de citação que, mais do que se suscitar, permite o *ressuscitar* que José Enes não nos faz esquecer¹¹⁰. Feixe num reflexo audível e auditivo, o étimo é vibração intencional que ressoa na audiência do

¹¹⁰ ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais – Série Universitária, Lisboa, 1983, página 44.

categorial. Uma vez que “a significação é um dos atos mais responsáveis do Homem¹¹¹”, o étimo dará acesso à pedagogia da Filosofia numa dobra que, mais do que marca de vibração em ondas de tempo audíveis, faça pregas e dobraduras de gancho exegético e profundamente reflexivo, cujo mais intenso desdobrar mora na textualidade nervosa da palavra que *timpanize* a auscultação de uma Filosofia sempre pronta a ser tomada como mediação hermenêutica de interpretação legítima e autêntica.

A palavra é para a Filosofia um projeto aberto e, por isso, sempre hermenêutico e jamais hermético. A palavra pede um esforço. Ainda que expectada, a etimologia é sempre anúncio no condear da sua funcionalidade sempre pronta a revelar-se. A palavra só existe porque consiste no seu insistir e, como tal, não se reduz ao instante que a instancia nem ao intervalo que a prepara como tempo e azo, espaço e ato que se ouve apenas nos demais andamentos: ela é metrônomo que dá ritmo ao tempo filosófico, diapasão que presta audiência ao termo filológico e repertório intencional na audiência de uma hermenêutica filosófica que é sempre partitura de uma História da Filosofia. As palavras adentram-se e adestram o ouvido hermenêutico do aluno numa expressividade de entoação tal que só o reflexivo indagador pode conter, construir e constituir. Este indagador é sempre indicador, porque indicia e alicia a palavra a cumular-se do seu préstimo de conteúdo numa concreção e concretização nevrálgicas que mais fundamentam a reflexão do aluno e mais fomentam a análise crítica perante o profundamente pensado.

Na pedagogia da Filosofia, a palavra tem o respaldo que permite a advertência constante à sua origem, num lance que nunca é desenlace absoluto porque sempre *rizomático*, mas cujo variegado enlaça a pedagogia ao pensamento e torna premente e patente o destino que ao étimo conduz permanentemente em pergunta. Somente o apetrecho da etimologia pode suscitar o auscultar da palavra para nela fundar e fundamentar esse registo escrito e auditivo que só fará sentido se se entoar e educar o ouvido hermenêutico do aluno. Voz e vocativo, a palavra é para a Filosofia vozeio num espaço que a própria elege para vocacionar o tempo que intencional e expressivamente a faz acontecer. É preciso que o ouvido do Professor de Filosofia agudize e afine o seu campo de auscultação auditiva para que a etimologia seja, simultaneamente, pergunta e frase, citação e paráfrase de autor tornada conceito e categoria, intenção e foco de

¹¹¹ ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais – Série Universitária, Lisboa, 1983, página 46.

tensão interpretativa. Suplemento da reflexão, o étimo é o acréscimo e o acrescentamento que tornam possível o pensamento como vibração de égide sonora, numa consonância que se convida constantemente mais a ser entoação para que aconteça um trabalho mais autêntico porque mais prene de significado, num processo de interpretação tal que veja na auscultação do étimo esse esclarecimento nítido de diapasão ouvido. A etimologia só pode captar o sentido e perguntar pelo significado se a hermenêutica for para o tempo filosófico que ressoa em História da Filosofia essa genealogia intencional que conduz à auscultação do significado etimológico: é este o alvéolo da palavra que se oxigena com a etimologia para ser *ouvido* e se constituir em *ouvido* para alunos que se encontram na perante a disciplina que *mais* os despertará para as obediências de um texto sob o ob-*audire* de determinado autor, respeitando um dos maior legados disciplina filosófica: a fidelidade ao texto num constante *ipsis verbis, ipse dixit*¹¹² que se anicha na disciplina filosófica, pois que só esta consegue ser interpretação, interpenetração e foco de interação entre histórico, filológico e filosófico.

Num gerúndio permanente, consistente e sempre em sendo, talvez a etimologia seja a adolescência pubescente que acentua a verdade da palavra para a tornar maneiio de pedagogia entre Professor e Aluno e Autor-Aluno. A germinação e a gestação da disciplina de Filosofia, estão justamente nesta génese de reflexão etimológica que, ao corresponder a uma procura constante pela afinação de um ouvido crítico, procura também uma afinação acutilante de um nascimento pronto a tornar-se esclarecido sob o étimo claro que se vozeia e vocaliza em vocação. E que vozeios serão estes? Imaginemos por exemplo a questão das verdades necessárias. Se as verdades necessárias – como os axiomas matemáticos -, são aqueles que não se podem negar sob pena de contradição, ora porque não pensá-los etimologicamente? Assim, se na palavra *necessário* -*nec* no latim aponta para a negação, podemos pegar no início da palavra e pensá-la como NIC – negar implica contradição. Não quero com isto dizer que a etimologia tenha de ser forjada mas é neste aspeto funcional e ficcional que reside uma das elaborações mais importantes da etimologia. É justamente neste abundar que podemos encontrar o absoluto do etimológico pois, uma vez que *ab-soluto* significa *desligar*¹¹³ vemos que a análise da etimologia pelas partes não corresponderá a uma

¹¹² ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais – Série Universitária, Lisboa, 1983, página 190.

¹¹³ FERREIRA, António Gomes, «Absoluto» em *Dicionário de Latim-Português*, Dicionários Editora, Porto-Editora, 1991, Porto, página 19.

decomposição mas a um “desatamento ou desligação¹¹⁴” que só pode dar azo à Filosofia nesse *lyein* que significa desatar, libertar, decompor¹¹⁵. Talvez a Filosofia tenha a missão de libertar o dito do escrito e ouvir o dito escrito como dito acústico que, pelos meandros da hermenêutica, só a Filosofia poderá decantar, ouvindo nos prefixos e nos sufixos esses auscultadores prenhes de referência filosófica.

Fora também numa aula de lógica que lecionei as regras de inferência válidas. Assim se o *modus ponens* consiste na afirmação do antecedente, expliquei-lhes que podemos pensar no -p de *ponens* e pensar em positivo como tradução, incitando-os a escrever ao lado do *modus ponens* **AA**; desta maneira, os alunos lembrar-se-iam que a primeira regra de inferência é a **A**firmção do **A**ntecedente e, por ser a primeira, destacámos com as letras iniciais do alfabeto a forma p-q. Na segunda forma, *modus tollens* consolidara com os alunos dois estratagemas: pedira-lhes para escrever *tollens* com o sinal de negativo, fazendo-os pensar na letra L que, escrita sob o modo de letra caligráfica, aponta para dois negativos (a haste do início da letra e a haste do seu fim). De seguida, apelei-lhes para que, se em latim *tollere* significa negar e que esta forma era somente a contrária da primeira (se a primeira é a **A**firmção do **A**ntecedente, a segunda é **N**egação da **C**onsequente), podemos também pensar que em latim existe outra palavra para não – *nec*– e, assim, pensando em tal expressão chegaríamos à **N**egação do **C**onsequente.

O compromisso pela reflexão e o comprometimento da palavra exige no comprimento da Filosofia o cumprimento da etimologia, como se a entoação fosse um constante cumprir-se em reflexo de vibração e verificação. Talvez o lastro da etimologia more na infalibilidade que permita à reflexão ser essa âncora que a Filosofia toma no mastro da sua vocação para tornar som o estrépito do étimo nos meandros dos seus consistires polidamente esclarecidos. Inquietando-se e ao mesmo tempo acomodando-se, a etimologia toma a Filosofia na sua dianteira exclusiva, não somente inscrevendo-a pelo significado que a incrementa na importância do seu dizer e dizer-se mas numa audição e audiência da palavra articulada que, ao ser mais do que o escrita, elabora a etimologia como discurso pedagógico e fonte de afinado pensar.

¹¹⁴ ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais, Série Universitária, Lisboa, 1983, página 59.

¹¹⁵ *Idem Ibidem*.

A etimologia em pedagogia é sempre um esboço no tocante à reflexão e um esboço de ensino que não pode deixar de assinalar a palavra sem deixar de a assinar, ensinando-a. Só a Filosofia pode sair da assinatura do autor e sinalizá-la em interpretação, ensinando-a nesse *enseigne* que não esquece de colocar em voga o sinalético hermenêutico do consistir filosófico. A Filosofia identifica e edifica a etimologia. É o lado interno no dentro da etimologia que permite que a pedagogia aconteça e se endureça nos esquemas que, concomitantemente, são os mesmos dispositivos com que se operam e articulam a reflexão filosófica. Instrumentos ou ferramentas, as palavras captam na sua etimologia a história do acontecer filosófico que vai emergindo num destacar e destrinçar que pedem a pauta do discernir imperioso que o cioso adolescente pede e urge. A etimologia é sempre um *ainda mais* como possibilidade constante de arranque para um auscultar que quer ser clave de sintonia como *gestação* e *germinação* de um pensamento que elucide o reconhecimento do étimo, escutando-o na sua interpretação como autêntica criptografia de que a Filosofia é fiel portadora.

Endoscopia e auscultação etimológicas: da sintonia à consonância acústica

Pela demonstração e pela descrição, a etimologia da palavra consegue ir alcançando *tópicos* e *trópicos* que permitem entrosar e alinhar as diferentes reflexões, coligindo Filosofia e História da Filosofia. Numa autêntica demonstração das suas etapas, a etimologia tenta alcançar um *registro* que deixa ao alcance do aluno esse *relato* que só se tornará retrato quanto mais fiel for o ouvir que assinala a escuta fiel de determinado *repertório* filosófico. O que pretendo com isto significar, é que o *tal* desligar que pressupõe a etimologia de *análise*, conseguirá comungar por um *desatamento* da palavra como étimo se a tornar eco e sintonia, ponte de consonância entre Filosofia e História da Filosofia, como um símbolo que se resgata para se tornar conivente com um tempo histórico e comungar com o tempo filológico e filosófico ali mesmo auscultado. Se, como visto anteriormente, a palavra Tomás aponta também para o *igual* e o *semelhante*, podemos pensar que o argumento associado a este autor é o do o argumento por *analogia*, bastando lembrarmo-nos da etimologia do nome do pensador Tomás de Aquino. Num autêntico auscultador de introspeção ¹¹⁶ auditiva, o étimo é entendido como um percurso que nos permite discernir diversos trâmites afim de mais

¹¹⁶ ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais, Série Universitária, Lisboa, 1983, página 71.

esclarecermos e ilustrarmos o pensamento de determinado autor numa determinada época. Através do étimo, a Filosofia torna-se História da Filosofia e História da Cultura. Se na palavra *mito*, a propósito dos valores religiosos, explicara que a palavra provém do grego clássico *myo* como “fechar os olhos e fechar a boca¹¹⁷”, importa referir que o mesmo prefixo aponta para a ideia de “instruir e iniciar¹¹⁸” presentes na palavra *myeo* e que vai dar ao termo *místico*. Na endoscopia de uma determina escuta da escrita, haverá - mais do que uma demonstração -, um plano de *mostração* como veremos adiante. A propósito da matéria correspondente ao *fideísmo*, que tem como representante central Blaise Pascal, tal fundamentação do étimo, serviu para desenvolver uma explicitação importante e essencial, uma vez o filósofo francês abordava esse carácter *abissal* a que só a fé podia responder pelo sentimento. Através da análise etimológica da mística – “fechar os olhos e a boca” -, os alunos capacitaram-se dessa expressão nula de palavras que o sentimento da fé propõe pela forma como se concebe a mística na sua realização de “fechar os olhos e a boca” e que o Fideísmo aponta sobretudo para essa *fides*, tomada aqui como uma *confiança* numa determinada fé que se explica e esboça por esse sentimento místico.

Paulatinamente, e sob o rebordo e recorte de cada étimo, vamos compreendendo e ouvindo que o trabalho da etimologia como pedagogia filosófica possa ser um trabalho de *relato* e de *re-acto* e, ao mesmo tempo, de *reparo* constante que reaparece para se retornar como *rasto* prudente. Mais do que um trato auditivo da palavra na sua etimologia, tem de existir uma sintonia de consonância, onde os contornos auditivos que façam o étimo ser eco abonem numa sintonia de endoscopia e auscultação que pretenda a entoação hermenêutica, ouvindo em eco esse apelo heideggeriano por uma *questão fundamental (Grundfrage¹¹⁹)*, móbil e motivo de uma *clareira do esclarecimento¹²⁰* no iluminar de um pensamento filosoficamente reestruturado e resgatado. Demonstrar descrevendo e descrever demonstrando, a etimologia contorna o nervo da palavra para construir a nervura de um tempo e espaço ali presentes em núcleo, *nesse* óvulo de auscultação auditiva que ouve nos núcleos das suas consonâncias, as sintonias que afinam a ressonância de um tempo que será apenas “demora transitória¹²¹”

¹¹⁷ ANTUNES, Padre Manuel, *Teoria da Cultura*, Edições Colibri, Lisboa, 1999, página 65.

¹¹⁸ *Ibidem*, página 67.

¹¹⁹ ZARADER, Marlène, *Heidegger e as palavras da origem*, Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, Lisboa, 1990, página 43.

¹²⁰ *Ibidem*, página 106.

¹²¹ INWOOD, Michael, *Dicionário Heidegger*, Jorge Zahar Editor, São Paulo, 2002, página 117.

heideggeriana. Se *monumento* tem no seu núcleo o *moneo* do advertir¹²², significa que o monumento e a sua interpretação interpelam desde logo para um juízo de *prudência* e *ponderação*, por exemplo, advertindo os alunos para o trabalho de *phronesis* que a contemplação estética permitirá ou que os *prazeres superiores* de Stuart Mill têm como característica, aumentando a dignidade do Ser-Humano. É justamente este trabalho de auscultação e endoscopia que tornará o étimo um diagrama de operatório pedagógico que a todo o momento faz a cirurgia dos seus escrutinares e a endoscopia auscultada dos seus torneares que ali mesmo emprestam um devir ao momento pedagógico.

Na primeira aula sobre o religioso, quis elucidá-los mais uma vez com o étimo que constitui as palavras. Não esquecendo que o grego *episteme* (conhecimento) tem na sua definição *pistis* (crença), quis levá-los para a relação entre as línguas vernáculas e ouvir no entusiasmo do étimo o sabor líquido do pensamento escorreito, indo não só às bases clássicas, mas também sustentando nas línguas vernáculas um suporte essencial. Para além de lhes ter começado por ler a etimologia de *re-ligatum* contida no livro “Metáforas do Coração” de Maria Zambrano, o alemão para além de *Religion*, tem o termo kantiano *Schwarmerei* para significar o religioso e que Heidegger dá a religião a conotação de *Heilig* como *aquilo que se coloca a salvo e cura (heil)*. Para além disso, se *glaube* é crença, *aberglaube* (literalmente *mas – aber – acredito – glaupe*) significa *superstição*. Sob este bastião, fi-los ver que na descrição do religioso há toda uma panorâmica de matizes que têm de ser consideradas e que a etimologia nos serve de auxílio essencial para a Filosofia.

Mais do que um autêntico esclarecimento num soar afinado que sinta a elucidação da entoação, o étimo propõe não apenas a sua etiologia como procura das causas (raízes e radicais), mas convida constantemente a uma endoscopia que ausculte sob a entoação hermenêutica, a procura sonora de um caminho que eduque o ouvido do aluno perante as sensibilidades filosóficas. Se num primeiro passo a etimologia propõe a prosódia de um diálogo que não quer ser prosápia, mas virar récita de afinção fecunda em prosódia, num segundo momento a sintonia e a consonância *lutam* por essa rapsódia de entrosamento significativo entre histórico, filosófico e filológico, que resgatam no polissémico da evolução o sonoro semântico de um canto a soar pedagogicamente. Talvez seja este o *sabor* e o *saber*¹²³ de Roland Barthes nessa sintonia que é, pela

¹²² ANTUNES, Padre Manuel, *Teoria da Cultura*, Edições Colibri, 1999, Lisboa, página 26.

¹²³ BARTHES, Roland, *A Lição*, Coleção Signos, Edições 70, página 22.

afinação do tempo e pela ressonância do afinar histórico, a endoscopia de um filólogo como afino de espaço filosófico e aferição de escopo histórico-filológico. Mais do que o registo e o resguardo do étimo como portador polissémico, a integralidade da palavra demonstra no seio do seu estático escrito, uma escuta de motivações e confluências que se assumem logo na relação sonora como vibrante extenuante, fazendo eco na cadência de cada étimo. Para os alunos do 11º ano não esquecerem o sonoro etimológico da *intuição* e da *indução*, motivara-os a pensar que a *inTuição* é a operação usada por DescarTes e a *inDução* é a operação pensada por David Hume. Para além disso, aquando do PRoblema da indução no autor empirista inglês, explicara-lhes que o PRoblema passa por atingir apenas a PRevisão e a PRobabilidade, pelo que o prefixo aqui continha uma forte relação de associação que não podia ser esquecida e que só o étimo poderia constatar. Se a palavra *logos* significa nos seus demais conflituares semânticos, “reunir, enumerar, calcular, ler e dizer”, tal significa que o aluno de Filosofia também conseguirá rigorosamente fazer-se escutar e fazer-se ouvir, quando reunir e calcular racionalmente o seu pensamento afim de o dizer e dar a ler logicamente. É justamente este exercício de endoscopia e auscultação da escrita que fazem do étimo um atributo de pedagogia filosófica.

Os étimos até poderão ter uma origem comum no Indo-europeu, grego ou latim, mas o património vernáculo de cada étimo importa ser trazido para o momento da aula no seu total projeto significativo pois, para além dessa *coisa original* que reúne em torno de si os seus significados (*ding* – coisa -, inicialmente significou *reunir*¹²⁴), a expressão só se imprime se se expressar verdadeiramente numa compreensão que seja sempre “um abrir-se e, simultaneamente, um arremessar-se para se instalar no espaço aberto do mesmo¹²⁵”. Um dos exemplos de como o vernáculo pode ser tomado em consideração – para além das alusões na parte prática deste relatório -, está na palavra *coragem* que Álvaro Ribeiro não esquece de apontar. Se num primeiro momento *coragem* tem a sua raiz etimológica no “coração¹²⁶”, em grego clássico *coragem* aponta para essa *parousia*¹²⁷, onde a *substância* da *coragem* assume o ímpeto que a faz impelir e ser justamente proposta corajosa, momento importante para a explicar a Estética como

¹²⁴ INWOOD, Michael, «Coisa» em *Dicionário Heidegger*, Jorge Zahar Editor, São Paulo, 2002, página 17.

¹²⁵ Ibidem, página 19.

¹²⁶ RIBEIRO, Álvaro, *Liceu Aristotélico- Lógica e Psicologia*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1961, página 194.

¹²⁷ PEREIRA, Isidro, «Parousia» em *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990, página 418.

expressão do autor que exige a *coragem* e o *coração* da emoção. Este tipo de matizes, não só reverdecem a Filosofia como chave de entoação hermenêutica, como dão a escutar ao aluno um elenco de pensamento tal que, ouvindo mais para além do texto, frui de uma capacidade e capacitação hermenêutica de endoscopia e auscultação críticas que o tornarão futuramente mais sensível à expressão do seu pensar, escrever e dizer.

A etimologia implica a reflexão e, implicando-se *nela*, explica-se *com* ela e *a partir* dela. Mais do que território, a palavra é um domínio, um centro de configuração que perspetiva a reflexão e se empresta de Filosofia. Há um perfil legível na palavra como afinação das suas legitimidades na leitura dos seus matizes. Só a Filosofia, enquanto momento pedagógico, permite que os étimos se entrossem e combinem uns nos outros nesse diagrama contínuo e concatenado de profundas associações e relações. Só a Filosofia como pedagogia permitirá que as palavras preencham o seu espaço de significação e façam surgir e sugerir a comemoração de um espaço solene que as homenageie de tempo filosófico. A palavra tem uma dimensão e exerce um domínio, mas a execução do seu território deve derivar da zona periférica para a zona de fronteira, onde a pedagogia atenua o seu campo para deixar intervir o condensar e complexificar da reflexão hermenêutica. Se a palavra *Estética* nos aponta para *aisthesis* este *posto (thesis)* tem de ser sempre considerado, sobretudo se pensarmos que o Ser-Humano contempla o espaço estético com o espaçamento focal da sua retina *colocada e posta (thesis)* sobre o objeto apreendido. Assim, a palavra é reagente, catalisador e inibidor que inscreve na pedagogia esse sustento eficaz que rompe e irrompe naturalmente para se tornar rosto filológico-filosófico. A Filosofia é registo na boca da inscrição para que a etimologia possa ser, fielmente, bocal de surgimento sonoro e boquilha soante de *sugerência*¹²⁸ como propõe José Enes. Compreende-se, então, que a etimologia possa ser cédula, registo ou bilhete no conter das suas informações e no trabalho inscrito das suas insinuações num ensino *designado* que aprofunda essa labuta de *incisão*¹²⁹, tal e qual o caminho que separa para distinguir e cinde para mais discernir, como o *trace* de Levinas que não poderia deixar de ser lembrado ou a palavra *krinein* que a etimologia aponta para o criticar que, separado, discerne e distingue melhor como visto anteriormente. Compreende-se, portanto, que a incisão do étimo nos relatos separados do seu retrato conjunto, configuram um propósito e um sentido

¹²⁸ ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais, Série Universitária, Lisboa, 1983, página 85.

¹²⁹ *Ibidem*, página 87.

importantes de serem levados ao cômputo da reflexão filosófica, como autêntico repertório a ser escutado sob os auscultadores de cada étimo.

Ainda antes de iniciar o argumento cosmológico, fiz questão de falar na evolução da palavra *cosmos*. Segundo Ricoeur em “A Metáfora Viva”, *cosmos* foi primeiro um “pente de cabelo”, significando depois “arreios de um cavalo”, “ordem de exército”, e só posteriormente, “ordem do universo”. Com a coincidência de *telos* significar também “ordem de exército”, mas também “finalidade”, quis fazer com os alunos um percurso por algumas palavras nas línguas vernáculas, afim de chegarmos paulatinamente ao cerne deste argumento. Explicando-lhes que o argumento teleológico tem também o nome de *desígnio* e se caracteriza por uma analogia com um relógio, questionara-os sobre palavras em português começadas por –OR. Depois de ter ouvido expressões como “orla”, “organização”, “ordem” e “origem”, apelei-lhes para que em alemão isso também acontece na palavra *juízo (urteil)* ou início e, sobretudo, para a coincidência homófona de que “hora” também tem a mesma conotação inicial. Feliz foi também a coincidência de existir na língua francesa a palavra “relógio” que se diz *horloge* com a mesma expressão. Uma vez que este argumento tem por base a analogia com o relógio, fizera um percurso com os alunos de que *trotteur* significa “ponteiros”, *trotteuse* “andarilhos” e *trottoir* “passeio”, sendo que o Ser Humano - como um passeio que avança - podemos ser comparados com os ponteiros de um relógio comandados por alguém num sistema tão bem organizado que aponta para um relógio ou até para a avenida de passeios mais organizada que conhecemos. Assim, e para juntar ao percutir organizado e metódico dos ponteiros, perguntara ao aluno João Reis como se dizia que “Que horas são” na língua castelhana, dizendo para perguntar muito rápido numa constante homofonia, pois “Que horas son” (o correto seria “? Que hora es”), dito de forma muito veloz aponta para *Corazon*, o que nos leva à comparação cada vez mais próxima do ser humano com um relógio num mecanismo ordeiramente regulado que vê no coração a sístole e a diástole do argumento do relógio. Ainda relacionado com este tema, suscitei a ideia de que em alemão “desígnio” se diz *absicht* mas que *sich* aponta para uma visão (lembrar o *visor* de um relógio) e que, em latim, *de-sígnio*, aponta para aquilo que *de fora* (como o francês *hors* de que se assemelha a *hor-loge*) marca o seu sinal exterior, designando e assinalando algo como o pensamento mecânico que, sendo dirigido de fora, pode ser suscitado para formular etimologicamente este argumento.

Acesso desnudado mas ainda não despido, a palavra é disposição num despir que se legitima pela nudez da sua integral verdade que só uma hermenêutica e um trabalho de disposição crítica de escuta da escrita podem acentuar. A etimologia é para a disciplina de Filosofia um elemento essencial, já que o étimo constitui essa matriz de uma nitidez aclarada que vê na resistência do tempo o autêntico que escapa ao atrito e à erosão, já que o filológico cobre de sedimentação histórica a cimentação de inscrição filosófica. Escombros e jamais ruína, o étimo é o que resiste resistindo no retinir dos seus vocalizos redutos, como fontes que retêm a amálgama filológica sob a malga filosófica. Ao aluno de Filosofia é dado esse prezar de aproximação ao tempo, que vê na letra a expressão aprumada da narrativa que se afina afim de se tornar fino o horizonte transcorrido e total do seu expressar autêntico num autêntico repertório perfilhado pelo filosófico no perfil de cada filão filológico. Como se percutisse e repercutisse na sonorização da História da Filosofia, o ouvido hermenêutico do aluno tornar-se-á, progressivamente, esse emblema de cunho aproximativo que, não só torna a entoação parceira de um tempo em ação, como torna a endoscopia e a auscultação da escrita companheiras de uma pátria chamada pensamento crítico que ouve no pardieiro do étimo o paradeiro da sua narrativa histórica nas paragens de uma pedagogia filosófica. O mesmo é dizer que, perante o soar e ressoar da etimologia, há uma sensibilidade crítica constantemente a ser auscultada num aluno *auditor* que faz o seu rigoroso *apercebimento*¹³⁰, numa consideração que se torna constatação e que se ouve e ausculta na audição do filológico.

O Eco-Apelo: o Eco como Apelo ou o Apelo como Eco

Clareira de clave auditiva, o étimo é partitura possante no transcorrer da sua possibilidade, plausibilidade e potencialidade de propagação semântica, num étimo-conceito que enerva a sua capacitação para se expressar como nóculo de filosófica inscrição, indicação e incidência e, o mesmo é dizer, como momento de integralidade e inteireza críticas. Todavia, há que alinhavar que esta persistência da palavra como fenómeno de origem, aponta para um concêntrico que é o da sua *modelagem* enquanto tempo (étimo) e o da sua *moldagem* como discurso filosófico (conceito/categoria) num

¹³⁰ ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais, Série Universitária, Lisboa, página 98.

raciocínio *estatuante*¹³¹ que se sonoriza para dar vazão a uma tonalidade de exigir, existir e insistir na dilatação semântica da sua intrínseca possibilidade. Inclusive, o Professor José Enes não esquece de recordar que “o sentido não é o que a palavra diz, mas o que a faz dizer¹³²”, num impelir heideggeriano prene de *apelo* e de *chamamento*¹³³ que torna o étimo agenciamento crítico de impelir crítico e reflexivo. Pode-se mesmo referir que a “fulguração do dizer¹³⁴” em Martin Heidegger, não só coloca a etimologia como distintivo que aponta numa determinada direção, como corresponde ao legado de Levinas num dito como *significado* e *significância*¹³⁵, colocando na expressão do étimo esse dito de morada abrigada que corresponde ao conceito de linguagem em Heidegger – como analisado anteriormente –, e onde a aula de Filosofia se torna audiência de dito e audição *desse* dizível histórico, que se quer conotado com a verdade dilatada dos seus significados.

Se LEIbniz nasceu em LEIpzig, porque não fazer dessa “lei” das palavras, uma aula de Filosofia sob a mesma premissa “Rostos, Rotas e Roteiros”? Afinal de contas, a palavra mais próxima de LEIBniz seria a de *Leib* (corpo), e fora até este pensador conhecido pela questão da “mónada”, esses *corpos* que refletem o grande corpo do Universo e que estariam relacionados com essa harmonia pré-estabelecida. Mais, tal corpo – *Leib* –, explica o episódio das folhas com a princesa, pois notar-se-á que cada folha será diferente de uma outra (unidade dos indiscerníveis), de maneira que as palavras e a sua relação com os nomes dos pensadores podem percorrer um importante caminho pedagógico. O mesmo se explica em David Hume, onde a etimologia ajudou de tal forma, pois explicara-lhes que todo o pensamento do autor tem na letra -C uma das suas mais importantes virtuosidades que a Língua Portuguesa ajuda; se o Costume é uma Convicção Considerada como uma Conjunção Constante onde apoiamos as nossas Crenças, então a Causalidade encontra uma Característica em Hume dado o seu Ceticismo: o facto de não termos um Critério Cognitivo que Considere Certa qualquer Causalidade.

¹³¹ ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais, Série Universitária, Lisboa, página 102.

¹³² *Ibidem*, página 101.

¹³³ ZARADER, Marlène, *Heidegger e as palavras da origem*, Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, Lisboa, página 240.

¹³⁴ *Ibidem*, página 230.

¹³⁵ LÉVINAS, Emmanuel, *De outro modo que ser ou para além da essência*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007, página 70.

Sob a forma do étimo tornado apelo e eco de tempo a acontecer, compreender-se-á, então, o que significa esse “dito de dizer identificador¹³⁶” que relembra Emmanuel Levinas. Tal expressão obriga-nos à consonância de reflexiva com Martin Heidegger nesse tom heideggeriano de *mostração* em que a *saga* do dizer como *mostrar*¹³⁷ torna esse *dito identificador* do étimo um eco-apelo do que é realmente a genealogia filosófica, entoadora de uma hermenêutica que escuta o passado para o presentificar ali mesmo sob o dínamo de uma reflexão. Se, por exemplo, a palavra que os latinos traduziram por *habitus* vem do grego *diathesis* como *disposição de ânimo/ordem*¹³⁸, então compreende-se agora que todo o hábito gera uma disposição fixa, ordeira e ordenante que, mais do que nunca, explica a importância da lei humeana do *hábito* no que ao Ser-Humano cabe por regra, costume ou hábito, sem pensar *se o Sol nascerá amanhã*. É justamente este binómio eco-apelo que, ressoando no tempo histórico-filosófico de cada aula, fará ressentir-se no pavilhão auditivo em que o conceito se dará para o aluno como chave motriz e directriz numa pedagogia mais rigorosa, porque mais dita e redita no hemisfério de todos os seus escutares. Numa rede polissémica de significados, assim se explica a razão pelo qual a palavra *discurso* em alemão – *Rede* – significara inicialmente *razão e explicação*¹³⁹, dadas as sonoridades do eco-apelo do étimo explicarem uma razão que começa no seio da linguagem para desbravar numa *rede* de realização e reflexão pedagógicas.

Tal como as ondas sonoras de uma vibração de escuta e que se escuta, o eco tornado eco-apelo, ao fazer a medição do histórico e do filológico sob o ouvido do filosófico, dá a entender o pensamento derrideano sob a aptidão de um instanciar dentro (apelo) e fora (eco), pois que “um pensamento raramente está completamente fora sem permanecer de alguma maneira dentro¹⁴⁰”, e que a própria intérprete de Heidegger, Marlène Zarader, robustece igualmente sob a forma do *retrospectivo* e *prospetivo*¹⁴¹. Compreendemos, então, que o étimo terá a seu cargo constante mais do que um duplo desígnio inicial: se por um lado o étimo é *estrépito* enlaçado sob o *estalido* da raiz e o

¹³⁶ LEVINAS, Emmanuel, *De outro modo que ser ou para lá da essência*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, página 176.

¹³⁷ ZARADER, Marlène, *Heidegger e as palavras da origem*, Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, Lisboa, 1990, página 44.

¹³⁸ PEREIRA, Isidro, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990, página 130.

¹³⁹ INWOOD, Michael, *Dicionário Heidegger*, Jorge Zahar Editor, São Paulo, 2002, página 63.

¹⁴⁰ ZARADER, Marlène, *Heidegger e as palavras da origem*, Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, Lisboa, 1990, página 350.

¹⁴¹ *Ibidem*, página 344.

estampido do radical, o étimo mostra também o seu triádico desígnio sob a forma de um eco-apelo que, ao concentrar a consonância de um tempo que ressoa e de uma filologia que soa, assume transversalmente a timpanização de uma Filosofia escorada pelos alicerces histórico e filológico como batutas essenciais para uma partitura rigorosamente pedagógica. Se, por exemplo, *eikos* significa *verosímil*, *eikon* traduz-se por *comparação*, uma vez que é preciso comparar as demais etimologias para que um determinado étimo vire momento verosímil de *e(i)cos* pedagógicos, ressoando e reivindicando uma legitimidade de função essencial como momento crucial de pedagogia inaugural. Em conclusão, importa referir que cada etimologia representa uma determinada Carta *sobre* o Humanismo e uma Carta *ao* Humanismo, desideratos culturais do que é o *Ser Humano* na sua maior estrutura e a que a Professora Alice Santos nobremente fundamentara, apelando constantemente para essa expressão binômica rica de etimologia e prenhe de pedagogia filosófica: Ser Humano.

Da *escrita em voz alta* em que o étimo se faz ouvir ao esclarecimento que o aluno toma e, paulatinamente, vai decifrando em pensamento, importante se torna concluir neste esclarecimento importante: a etimologia, como uma pedagogia da disciplina filosófica, mostra-se e demonstra-se nessa singularidade metodológica que, ao inscrever o aluno sob o conhecimento dos étimos e a exploração das suas audiências, tornam também o estudante mais ciente do significado do conceito e da sua utilização aquando de um ensaio, encontrando no *instrumento* etimológico esse *elemento* operativo de interpretação com que explanará a sua reflexão numa densidade mais explícita e crítica porque justamente mais apercebida nos matizes que envolvem cada conceito. Para além disso, pode-se concluir que o aluno verá no étimo a inscrição e o auxílio de um conceito que, deslindando os matizes da palavra, o permitirá aceder ao exclusivo dos seus significados, compreendendo a densidade reflexiva que emana de cada conceito.

Bibliografia:

- ANTUNES, Padre Manuel, *Teoria da Cultura*, Edições Colibri, Lisboa, 1999.
- BARTHES, Roland, *A Lição*, Edições 70, Coleção Signos, Lisboa, 1979.
- BARTHES, Roland, *O grau zero da escrita*, Edições 70, Coleção Signos, Lisboa, 1984.
- BARTHES, Roland, *O prazer do texto*, Coleção Signos, Edições 70, Lisboa, 1983.
- DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, Perspetiva, São Paulo, 1999.
- DERRIDA, Jacques, *Margens da Filosofia*, Rés-Editora, Porto, 1980.
- DERRIDA, Jacques, *Voz e Fenómeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl*, Edições 70, Lisboa, 1996.
- ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais – Série Universitária, Lisboa, 1983.
- FERREIRA, António Gomes, *Dicionário de Latim-Português*, Dicionários Editora, Porto-Editora, 1991, Porto, página 19.
- FOUCAULT, Michel, *A Ordem do discurso*, Relógio d'Água, Lisboa, 1997.
- GADAMER, Hans-Georg, *Elogio da Teoria*, Edições 70, Lisboa, 2001.
- HEIDEGGER, Martin, *Carta sobre o Humanismo*, Coleção Filosofia e Ensaios, Guimarães Editores, Lisboa, 1987.
- INWOOD, Michael, *Dicionário Heidegger*, Jorge Zahar Editor, São Paulo, 2002.
- LEVINAS, Emmanuel, *De outro modo que ser ou para além da essência*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.
- PEREIRA, Isidro, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990.
- RIBEIRO, Álvaro, *Liceu Aristotélico – Lógica e Psicologia*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1961.
- RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, Rés - Editora, Lisboa, 1983.
- RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, Lisboa, 1997.
- TODOROV, Tzvetan, *Poética da Prosa*, Edições 70, Coleção Signos, Lisboa, 1979.
- ZARADER, Marlène, *Heidegger e as palavras da origem*, Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, Lisboa, 1990.

WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tratado Lógico-Filosófico: Investigações Filosóficas*,
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1995.

Anexo 1

Planificação sobre a Fundamentação da Moral -10º Ano - (sem conceitos nucleares)

Primeira Aula

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo
Introduzir o conceito de Ética	A ética, também designada por Filosofia Moral, responde a questões tais “Como devo agir?” e o “O que devo fazer?”	Usar uma frase do escritor Vitorino Nemésio a propósito de Kant e apelar para as etimologias de Ética	Quadro Diálogo com os Alunos	25 minutos
Explicar o que é uma teoria deontológica	A teoria deontológica valoriza eticamente uma ação em função da sua intenção.	Apelar para que a moralidade deriva do <i>mores</i> latino e que os costumes são muitos vezes pensados pela sua intenção e propósito. Em alemão, <i>zweck</i> significa “fim” e “propósito”.	Interlocução Escrita no Quadro Marcadores	25 minutos

Segunda Aula

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo
Considerar o dever como reflexão fundamental para a teoria em questão, referindo-me a Kant	O cumprimento do dever é a intenção que torna a ação boa	-Etimologia de dever – <i>deontos</i> – é preciso/dever -Etimologia da ação -Aspetos biográficos da vida de Kant e como curiosidade, caracterizar o “como se” kantiano.	Quadro Diálogo com os Alunos	25 min
Situar a vontade como eixo axial da teoria kantiana	Para Kant o que tem valor intrínseco é uma boa vontade, pois tem um valor incondicional, sendo boa em todas as circunstâncias	-Perguntar ao aluno o que é <i>isso</i> de uma “boa vontade” -Dialogar com Ortega y Gasset “O Homem é o homem e a sua circunstância”	Perguntas Interação	25 min

Quarta Aula

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo
Fazer a distinção entre os dois tipos de imperativo categórico	Especificar a fórmula da Lei Universal do imperativo categórico e a Fórmula da Humanidade	Suscitar o exemplo das promessas enganadoras e como isso iria lesar o sentimento de confiança entre as pessoas e apelar para a guerra e para a destruição	Quadro Diálogo com os Alunos	25 min
Relacionar autonomia com heteronomia à lente da teoria kantiana	O legislador da lei moral é o próprio ser humano – autonomia Se formos condicionados por fatores externos, coloca-se a tese da heteronomia na sua relação com a vontade	Definir a ideia de autonomia como a capacidade de nos determinarmos a nós mesmos -Etimologia de determinação e perceber a “voz da consciência” que o alemão coloca na palavra (<i>stimmung</i>) -Relacionar com o conceito de <i>eleuteronomia</i> (o princípio da felicidade do legislador interno), embora não seja pedido no programa.	Quadro Diálogo com os Alunos	25 min

Quinta Aula

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo
Apresentar as críticas à teoria kantiana	<ul style="list-style-type: none">-Não resolve conflitos entre deveres-Desculpa a negligência-Ignora o papel das emoções na moralidade-A questão dos “seres não racionais”	Exemplos de um estado de emergência no aeroporto e como isso pode ser considerado uma negligência	Quadro Diálogo com os Alunos	50 min

Sexta Aula

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo
Introdução à teoria consequencialista de Stuart Mill e sua relação com o conceito de felicidade	<p>-A felicidade como bem intrínseco e o Princípio da Maior Felicidade, constituem dois baluartes da ética de Mill</p> <p>-A felicidade ou o bem-estar são a única coisa intrinsecament e valiosa para o bem-estar.</p>	-Fazer um percurso histórico da felicidade, passando por Platão, Aristóteles, São Tomás e Descartes, para que os alunos percebam que o conceito de felicidade não foi sempre o mesmo e que John Stuart Mill inova na sua posição pela forma como aborda a questão da consequência.	<p>Quadro</p> <p>Diálogo com os Alunos</p>	25 min
Analisar a importância da teoria hedonista e suas derivações	Especificar que o hedonismo se divide entre hedonismo quantitativo e hedonismo qualitativo	Relacionar a teoria hedonista de Bentham com a sua categoria de panótico e fazer uma incursão histórica relacionando a teoria hedonista de Bentham/Mill com o hedonismo de Aristipo de Cirene e, sobretudo, de Epicuro entre os prazeres físico e os prazeres da mente, sendo estes considerados mais importantes (como o hedonismo qualitativo)	Diálogo com os Alunos	25 min

Sétima Aula

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo
Justificar em que consiste a “prova do utilitarismo” na sua relação com o Princípio da Maior Felicidade	<p>Para justificar o Princípio da Maior Felicidade, devemos apresentar uma prova da proposição “Há um único fim último que é desejável: a felicidade geral”.</p> <p>-Para Stuart Mill, a virtude está intrinsecamente relacionada com a felicidade</p>	-Relacionar a <i>aretê</i> grega na sua questão com a dos samurais, onde a virtude para estes é realmente sinónimo de felicidade e pode levar à perda da honra/vida.	<p>Quadro</p> <p>Diálogo com os Alunos</p>	25 min
Examinar a tese dos princípios secundários e a sua insustentabilidade	-O ser humano não consegue prever muitas das consequências dos seus atos. Sendo assim, teremos que adotar princípios como os do respeito pelo compromisso.	<p>Utilizar dois exemplos propostos pelo livro de exames e perceber como podemos lidar com os mesmos</p> <p>-“As mulheres devem obedecer a seu marido?”</p> <p>-“Deveremos perseguir os que não seguem a nossa religião?”</p>		25 min

Oitava Aula

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo
Esboçar as críticas ao utilitarismo e as suas demais objeções	<ul style="list-style-type: none">-Objeção do criminoso azarento ou do herói por acaso-Objeções dos males sem prejuízo-Máquina do prazer-Os benefícios a sacrificar	-Fazer cenários e perguntar a cada aluno como reagiria e perguntar a outro se faria de forma diferente, consolidando as críticas suscitadas	Quadro Diálogo com os Alunos	25 min
Relacionar as objeções com os problemas do cálculo da utilidade, assim como as críticas à prova do utilitarismo	Uma das críticas estabelece que o utilitarismo é muito exigente e que resume toda a ética à beneficência do bem geral	Pensar que a vida tem uma conduta própria que não passa pelo esquema matemático. Assim, propõem-se aos alunos exemplos, tentando perceber se o cálculo da utilidade pode compatibilizar toda e qualquer ação	Quadro Diálogo com os alunos	25 min

Anexo 2

Planificação sobre a Fundamentação da Moral na sua análise das duas teorias éticas -10º Ano

(com conceitos nucleares sugeridos pela Professora Alice Santos)

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo
Introduzir o conceito de Ética	A ética, também designada por Filosofia Moral, responde a questões tais “Como devo agir?” e o “O que devo fazer?”	Usar uma frase do escritor Vitorino Nemésio a propósito de Kant e apelar para as etimologias de Ética	Quadro Diálogo com os Alunos	25 minutos
Explicar o que é uma teoria deontológica	A teoria deontológica valoriza eticamente uma ação em função da sua intenção.	Apelar para que a moralidade deriva do <i>mores</i> latino e que os costumes são muitos vezes pensados pela sua intenção e propósito. Em alemão, <i>zweck</i> significa “fim” e “propósito”.	Interlocação Escrita no Quadro Marcadores	25 minutos

Conceitos nucleares: Ética, deontologia e intenção.

PLANO DE TRABALHO SEMANAL DISCIPLINA: FILOSOFIA /11º E1

Semana: 19/04/2021 a 23/04/2021

Dias	Sumário / Conteúdos / Estratégia /Recursos
<p align="center">19/04</p> <p align="center">2ªfeira</p> <p align="center">(assíncrona)</p> <p align="center">15:50-16:40</p>	<p>Sumário: A importância do raciocínio de Descartes na resposta aos céticos.</p> <p>Conteúdos: As respostas que Descartes propõe aos problemas suscitados pela corrente cética.</p> <p>Estratégias: Para ser questionado em aula assíncrona, responda à seguinte questão:</p> <p>A que problema levantado pelos céticos Descartes responde com o método matemático? E quanto à divergência de opiniões? Justifique a sua resposta afim de ser considerada em aula síncrona.</p> <p>Recursos: Matéria lecionada, caderno de apontamentos.</p>
<p align="center">21/04</p> <p align="center">4ªfeira</p> <p align="center">(síncrona)</p> <p align="center">0:8-08-50</p> <p align="center">08:55-09:45</p>	<p>Sumário: Das ideias claras e distintas à questão <i>operacional</i> de Deus.</p> <p>Conteúdos: Sem esquecer as ideias adventícias, factícias e inatas, fazer a correspondência entre as ideias claras e distintas com a ideia de um Ser sumamente perfeito.</p> <p>Estratégias: Exercícios de aplicação, visualização de imagens e análise textual.</p> <p>Recursos: - Computador, tablet ou telemóvel com ligação à Internet;</p>

Conceitos nucleares: céticos, método, ideias claras e distintas, adventícias, factícias e inatas.

PLANO DE TRABALHO SEMANAL DISCIPLINA: FILOSOFIA /11º E1

Semana: 26/04/2021 a 30/04/2021

Dias	Sumário / Conteúdos / Estratégia /Recursos
<p>26/04 2ªfeira (síncrona) 15:50-16:40</p>	<p>Sumário: Distinção entre ideias e impressões. O princípio da cópia e a sua importância na filosofia de David Hume.</p> <p>Conteúdos: Ideias, Impressões, Sentimentos, Sensações, Princípio da Cópia.</p> <p>Estratégias: Fazer um esquema visual com a letra I, através da audição de um vídeo extraído da plataforma Youtube, como se o I correspondesse às colunas que sustentam o pensamento de David Hume (Ideias, Impressões, Indução)</p> <p>Recursos: https://www.youtube.com/watch?v=2t9cxeo3fAI</p>
<p>28/04 4ªfeira (síncrona) 0:8-08-50 08:55-09:45</p>	<p>Sumário: A conexão causal em David Hume e o princípio da Indução.</p> <p>Conteúdos: Conexão causal necessária, princípio da Indução.</p> <p>Estratégias: Apresentação de exemplos e outras situações (como pinturas), onde se possa extrair as ideias de conexão causal e o problema da Indução /esquema de situação de bilhar para ilustrar o pensamento de David Hume.</p> <p>Recursos: PowerPoint.</p>

Conceitos nucleares: Ideias, impressões, conexão causal.

PLANO DE TRABALHO SEMANAL DISCIPLINA: FILOSOFIA /10º E1

Semana: 26/04/2021 a 30/04/2021

Dias	Sumário / Conteúdos / Estratégia /Recursos
<p>26/04 2ªfeira (síncrona) 16:50-18:30</p>	<p>Sumário: Continuação da ética utilitarista de Stuart Mill. Distinção entre a noção de prazer aplicada por Bentham e Stuart Mill.</p> <p>Conteúdos: Utilitarismo, Felicidade, Satisfação da maioria, Hedonismo, Princípio da Maior Felicidade.</p> <p>Estratégias: Com as letras correspondentes aos nomes de Stuart Mill e Bentham, fazer um esquema de ideias-chave com o apoio de excertos.</p> <p>Recursos: PowerPoint, Excertos do Manual “Novos Contextos”</p>
<p>29/04 5ªfeira (síncrona) 0:8-08-50</p>	<p>Sumário: A diferença entre prazeres mentais e prazeres físicos na sua relação com o hedonismo.</p> <p>Conteúdos: Prazeres mentais, prazeres físicos, Hedonismo.</p> <p>Estratégias: Análise de excertos no Power Point, remetendo para a situação de Epicuro e para o seu percurso pessoal como forma de relação com a ética utilitarista de Stuart Mill.</p> <p>Recursos: Manual “Novos Contextos”, Power Point.</p>

Conceitos nucleares: Utilitarismo, felicidade, prazeres, hedonismo.

Anexo 3

DUVIDÁVIDA



**“A Biografia
não explica a
Obra.
Esclarece-a.
Ilumina-a.”**

DAVID MOURÃO-FERREIRA

ROSTOS, ROTAS, ROTEIROS E ALGUMAS ROTINAS...



CLERMONT-FERRAND



ESCUTEMOS A PALAVRA



SERÁ QUE O AZAR É MESMO AZAR?

- **AZ-ZAHR/SAHR**



CHAUFFER

Le cœur
a ses raisons,
que la raison
ne connaît point.

-Blaise Pascal-

=

INTUIÇÃO
intueri

LEIBNIZ

Leibniz

LEI...PZIG



BLAISE PASCAL



DIVERTISSEMENT

- **BLASÉ**
- **Etimologia**

SÉCULO XVII – BARROCO (etimologia)

RELEMBRANDO LEIBNIZ



TEODICEIA: JUSTIFICAÇÃO DA BONDADÉ DE DEUS

TEODICEIA



OIÇAMOS AS PALAVRAS...



UMA VEZ... DUAS VEZES...

- POSSO ESCOLHER SEMPRE O BEM... EM VEZ DO MAL
- EIN**MAL**.....ZWEI**MAL**...
- CHAQUE *FOIS*... OU **BOSE**... **SCHLECHT**

MECHANCETÉ

SORTE, OPORTUNIDADE OU POSSIBILIDADE

- Posso ter uma **chance** para escolher o Mal... e praticar o Bem...

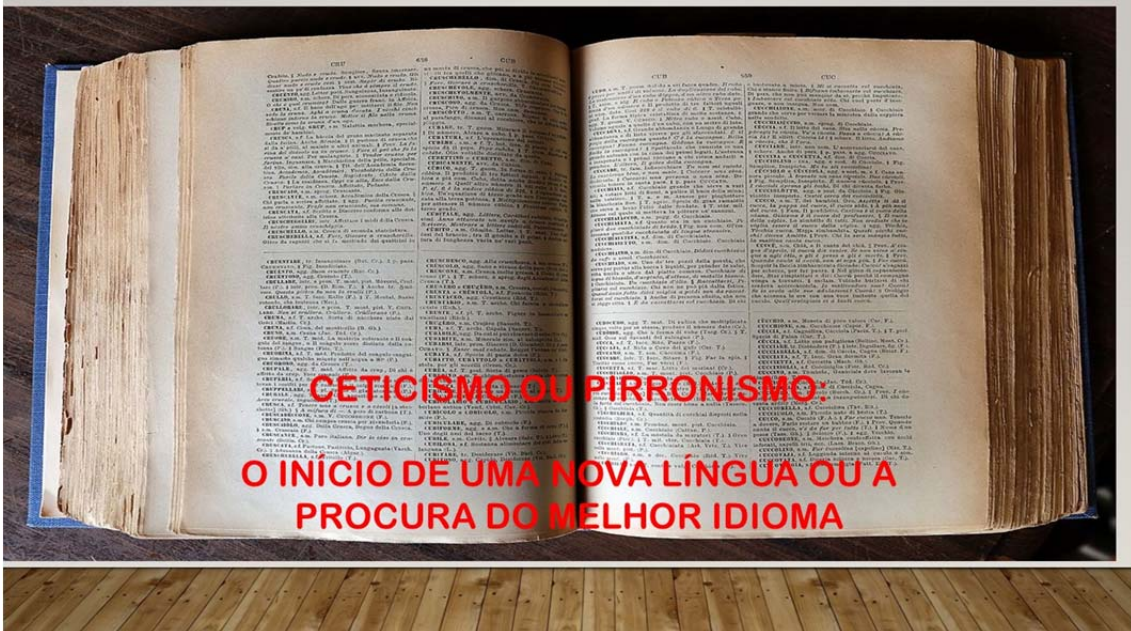
DICIONÁRIO FILOSÓFICO

A BASE DO CETICISMO RADICAL



De A a Z,

Não é possível
Conhecer-se

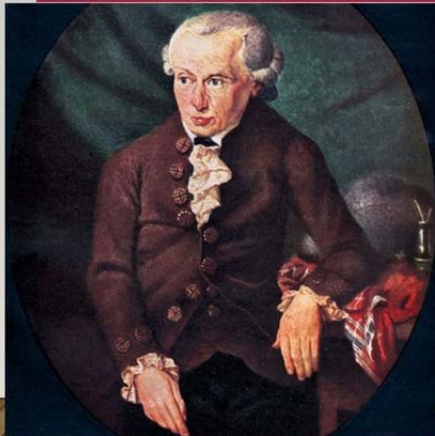


ETIMOLOGIA DE ÉTICA



ἦθος diferente de ἔθος

MAS O QUE É QUE “NOS FICA BEM”?



• KLEID...



ETHOS...COSTUME
... HÁBITO...



Como é que Kant vestirá o
seu "costume"? Ou
HABILLER...

O SENTIMENTO DO RESPEITO (CURIOSIDADE)

- ... mas que sentimento? **A PONTE ENTRE A SENSIBILIDADE E ENTENDIMENTO**



EMPFINDUNG



Neutro · Forte · Terminações es/er
 **das Gemüt**

Gemüt(e)s
Gemüter

Netzverb (www.verbformen.de) · CC BY-SA 4.0

PÁGINA 13 |

ONDE ESTÁ O **FIM** DA AVENIDA DO FILÓSOFO?



PROPÓSITO LIMITADO A UM
FERROLHO... OU A UMA AVENIDA?



Z-WECK: Fim,
propósito ou
Intenção (chave)

WEG: caminho,
avenida

Anexo 4



Escola Secundária de Miraflores-Filosofia

Teste de avaliação

Nome: _____ 11 E1 _____ Nº _____

Versão B

Grupo I

Responda a cada uma das questões, selecionando a alínea correta:

- 1. Quando raciocinamos acerca de causas e efeitos, estabelecemos conexões necessárias, uma vez que:**
 - a) A Natureza forjou em nós hábitos mentais.
 - b) A conexão necessária funciona como uma verdade absoluta.
 - c) A causalidade e a conexão implicam-se necessariamente.
 - d) Na experiência também existem verdades a priori.

- 2. Analise as afirmações que se seguem sobre o método indutivo e selecione a alternativa correta.**
 - a) A dedução de consequências é uma das etapas do método indutivo.
 - b) Os defensores do método indutivo sustentam o recurso à falsificação de teorias.
 - c) Um dos objetivos do método indutivo é a generalização de resultados e a previsão de acontecimentos futuros.
 - d) O ponto de partida do método indutivo é o desenvolvimento de uma teoria explicativa.

3. Popper defende que uma teoria científica deve ser:

- a) Refutada.
- b) Irrefutável.
- c) Refutável em grau elevado.
- d) Refutada.

4. Segundo Popper, as conjeturas surgem através de:

- a) Inspirações diversas.
- b) Previsões empíricas.
- c) Generalizações indutivas.
- d) Processos racionais de inferência.

5. Quanto ao processo de crescimento do conhecimento, Popper afirma que:

- a) As teorias que hoje aceitamos correspondem à verdade sobre a realidade do mundo.
- b) Rejeitando as teorias falsas, aproximamo-nos cada vez mais de uma imagem verdadeira do mundo.
- c) Nunca poderemos saber se uma teoria é verdadeira ou falsa.
- d) As teorias que hoje aceitamos são tão verdadeiras como as que foram abandonadas.

6. Popper dissolve o problema da indução porque:

- a) Prova que a indução conduz à verdade.
- b) Afirma que a ciência não desempenha qualquer papel na indução.
- c) Afirma que a indução não desempenha qualquer papel na investigação científica.
- d) Prova que a indução pode ser justificada racionalmente.

7. Karl Popper defende uma relação de continuidade entre senso comum e ciência, dado que:

- a) Senso comum e ciência completam-se um ao outro na medida em que as lacunas de um são superadas pelo outro.
- b) O conhecimento científico parte do senso comum, tornando-o mais elaborado, rigoroso e corrigido.
- c) A reflexão científica é mais teórica e menos problematizante do que o senso comum.
- d) A ciência apenas diverge do senso comum pelos processos e meios tecnológicos de que dispõe.

8. Popper criticou a concepção clássica do método científico porque:

- a) A investigação científica deve ser crítica e, por isso, deve estar associada à observação.
- b) A verificação é condição essencial para que uma dada hipótese se possa constituir lei.
- c) A investigação científica deve partir de uma solução problemática e não da observação.
- d) Limita a investigação científica aos fenómenos observáveis.

9. O falsificacionismo de Popper consiste em:

- a) Tentar provar que uma determinada hipótese apresenta erros e falhas incompatíveis para ser legitimada.
- b) Só aceitar como válidas as teorias que puderem ser verificadas.
- c) Rejeitar todas as teorias.
- d) Testar a validade das hipóteses apresentadas.

10. Uma das ideias que poderá ser vista como uma crítica à concepção de Karl Popper sobre o método científico é:

- a) A verificação não ser a última etapa do método científico.
- b) A ciência não passar de hipóteses nunca chegando a ser teoria.
- c) A dedução não ter aplicabilidade prática, dado não conseguir erigir nenhuma teoria.
- d) Os cientistas continuarem a usar a indução como método científico.

11. Karl Popper foi um dos pensadores a colocar em causa a concepção clássica da ciência ao afirmar que:

- a) O critério de falsificabilidade desvaloriza o trabalho da ciência.
- b) A ciência evolui a partir de paradigmas.
- c) A verdade na ciência não existe; a ciência é hipotética e conjectural.
- d) As teorias científicas terão de ser verdadeiras para conferir estatuto de credibilidade à ciência.

12. Segundo Popper, quanto maior é o grau de falsificabilidade de uma teoria:

- a) Menos conteúdo empírico ela tem.
- b) Mais conteúdo empírico ela tem.
- c) Menos corroborada ela está.
- d) Mais verdade contém.

13. De acordo com Popper, uma teoria corroborada é uma teoria que:

- a) Se mostrou ser falsa.
- b) Passou com sucesso testes sérios para a verificar.
- c) Passou com sucesso testes sérios para a falsificar.
- d) Se mostrou ser verdadeira.

14. Uma objeção ao falsificacionismo é a ideia de que:

- a) Algumas teorias estão fortemente corroboradas.
- b) Frequentemente a falsificação das teorias não é conclusiva.
- c) Não se pode justificar a indução com um argumento indutivo.
- d) A observação depende de teorias previamente aceites.

15. Popper considera que a ciência:

- a) Não é indutiva nem racional.
- b) Não é indutiva, mas é racional.
- c) É indutiva e irracional.
- d) É indutiva e racional.

16. De acordo com Popper, a ciência é objetiva porque:

- a) As descobertas científicas são verdades confirmadas.
- b) As teorias que passam com sucesso os testes de falsificabilidade são verdadeiras.
- c) As descobertas científicas não resultam do mero acaso.
- d) A avaliação das teorias é feita com base em critérios lógicos e imparciais.

17. De acordo com Popper, a ciência progride pela substituição de:

- a) Más teorias por teorias cada vez melhores.
- b) Teorias falsas por outras teorias falsas.
- c) Boas teorias por teorias verificadas.
- d) Teorias falsas por teorias verdadeiras.

18. Para Kuhn, a evolução científica:

- a) Depende exclusivamente de fatores objetivos e delineados de forma rigorosa e metódica.
- b) É feita de forma cumulativa a partir do conhecimento vulgar.
- c) Representa uma aproximação objetiva à verdade.
- d) Não é garantia de uma aproximação objetiva à verdade

19. O problema da demarcação do conhecimento científico centra-se:

- a) no critério que está na base de qualquer modelo científico.
- b) em saber em que medida a filosofia intervém no conhecimento científico.

- c) no problema da verdade científica. Serão as teorias científicas verdadeiras?
- d) em definir qual a linha que separa o conhecimento científico do não científico.

20. O senso comum, apesar de limitado, tem pertinência científica porque:

- a) todas as teorias, mesmo as mais comuns, têm uma base científica.
- b) a sua postura antidogmática promove uma constante procura do saber.
- c) os problemas práticos do quotidiano poderão suscitar respostas mais completas.
- d) responde aos problemas práticos e comuns do dia a dia.

21. Qual dos seguintes enunciados apresenta uma visão verificacionista da investigação científica?

- a) A investigação científica parte da crítica. É ela que permite o desenvolvimento da ciência.
- b) As teorias científicas são generalizações formuladas a partir de deduções, tornando-as válidas.
- c) Formulada a hipótese, realizam-se experiências no sentido de a confirmar.
- d) Formulada a hipótese, a experiência deve procurar rebatê-la, isto é, verificar se ela contém falhas.

22. Popper criticou a concepção clássica do método científico porque:

- a) a investigação científica deve partir de uma situação problemática e não da observação.
- b) limita a investigação científica aos fenómenos observáveis.
- c) a verificação é condição essencial para que uma dada hipótese se possa constituir lei.
- d) a investigação científica deve ser crítica e, por isso, deve estar associada à observação.

23. Segundo Thomas Kuhn:

- a) a ciência evolui cumulativamente.
- b) não se pode questionar a objetividade da ciência, pois a indução é conclusiva.
- c) a ciência evolui por paradigmas.
- d) a ciência não evolui progressivamente, mas através de revoluções.

24. Considere os seguintes enunciados relativos às posições de Popper e Kuhn sobre a ciência. Selecione depois a alternativa que as identifica corretamente.

1. A verdade científica existe apenas como ideal regulador.

2. A ciência evolui segundo um processo cumulativo de conhecimentos.
3. É impossível determinar se a ciência progride em direção à verdade dado uma nova teoria nada ter a ver com a anterior.
- a) 1 e 3 referem-se a Kuhn; 2 a Popper.
- b) 1 refere-se a Popper; 2 e 3 a Kuhn.
- c) 1 refere-se a Kuhn; 2 e 3 a Popper.
- d) 1 e 2 referem-se a Popper; 3 a Kuhn.

25. De acordo com os defensores da perspectiva indutivista do método científico:

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none">1. A investigação científica parte da observação.2. As hipóteses científicas são sempre conjeturas.3. As hipóteses científicas são generalizações.4. A investigação científica parte de problemas. |
|---|

- a) 2 é correto; 1, 3 e 4 são incorretos.
- b) 1 e 3 são corretos; 2 e 4 são incorretos.
- c) 1, 2 e 3 são corretos; 4 é incorreto.
- d) 2 e 3 são corretos; 1 e 4 são incorretos.

26. De acordo com os indutivistas:

- a) O cientista realiza induções a partir da observação e da experimentação.
- b) O cientista realiza induções apenas durante a experimentação.
- c) O cientista realiza induções apenas durante a observação.
- d) O cientista realiza induções a partir das hipóteses imaginativas que cria.

27. Considere os seguintes enunciados relativos à etapa da observação:

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. O enunciado «Existe vida nos planetas X, Y e Z» é verificável.2. O enunciado «A vida é impossível fora do planeta Terra» é falsificável.3. O enunciado «Algumas aves são verdes» é falsificável.4. O enunciado «O cachalote é o maior animal com dentes do planeta» é verificável. |
|--|

- a) 1 e 4 são corretos; 2 e 3 são incorretos.
- b) 2 e 3 são corretos; 1 e 4 são incorretos.
- c) 1 e 2 são corretos; 3 e 4 são incorretos.

d) 1, 3 e 4 são corretos; 2 é incorreto.

28. De acordo com Popper, o cientista percorre os seguintes passos:

- a) Hipótese; testes experimentais; observação.
- b) Problema; hipótese; tentativa de refutação.
- c) Observação; problema; tentativa de refutação.
- d) Observação; hipótese; testes experimentais.

29. Considere os seguintes enunciados relativos à teoria de Popper:

- 1. Uma teoria corroborada é uma verdade provisoriamente aceita.
- 2. Uma teoria refutada é uma teoria que deve ser substituída, pois é falsa.
- 3. Uma teoria científica nunca vai além do nível de simples conjectura.
- 4. Uma teoria cujas previsões foram corroboradas deixa de ser investigada.

- a) 1 e 3 são corretos; 2 e 4 são incorretos.
- b) 1, 2 e 3 são corretos; 4 é incorreto.
- c) 2 é correto; 1, 3 e 4 são incorretos.
- d) 2 e 3 são corretos; 1 e 4 são incorretos.

30. Para Popper, a objetividade das teorias científicas:

- a) É um mito, uma vez que a ciência é subjetiva.
- b) Decorre do modo como são testadas.
- c) Decorre do modo como são criadas.
- d) Não existe; é uma impossibilidade.

30x5p=150pontos

Grupo II

1. Considere os seguintes enunciados.

- A. A revolução científica vem mostrar que uma nova teoria, para se afirmar, tem de ser radicalmente nova.
- B. A verdade científica pode não ser determinada; contudo, ela existe enquanto ideal regulador.
- C. Na base da investigação científica está a crítica. Ela é o motor do desenvolvimento científico e a sua grande ferramenta.
- D. Não é possível determinar se a ciência evolui pois os paradigmas são incomensuráveis. Sendo assim, como poderemos saber se um é melhor do que outro?

1.1. Tendo presente as teorias de Popper e de Kuhn acerca da ciência, identifique a que autores corresponde cada um dos enunciados.

1.1

- A. Kuhn
- B. Popper
- C. Popper
- D. Kuhn

5x4=20pontos

2. Classifique as afirmações que se seguem como verdadeiras ou falsas.

- a) O conhecimento vulgar é mediato, pois é produzido a partir de provas e demonstrações.
- b) O conhecimento científico recorre a uma linguagem rigorosa de modo a produzir ambiguidades;
- c) O conhecimento vulgar é espontâneo, na medida em que é constituído de forma imediata.
- d) O conhecimento vulgar é superficial e não dá lugar a um aprofundamento dos temas.
- e) O conhecimento científico é aprofundado, na medida em que cada questão é tratada de forma minuciosa.

f) O conhecimento científico é essencialmente prático, na medida em que é usado como forma de ajudar na integração dos hábitos estabelecidos socialmente.

6x5p=30pontos



Escola Secundária de Miraflores-Filosofia

Teste de avaliação

Nome: _____ 11 E1 _____ Nº _____

Versão A

Grupo I

1. **De acordo com os céticos radicais, quais das seguintes afirmações são verdadeiras e quais são falsas:**
 1. Há crenças que são conhecimento.
 2. A experiência é a principal fonte de conhecimento.
 3. A razão é a principal fonte de conhecimento.
 - a) As afirmações 1 e 2 são falsas; a afirmação 3 é verdadeira.
 - b) As afirmações 1 e 3 são falsas; a afirmação 2 é verdadeira.
 - c) **Todas as afirmações são falsas.**
 - d) Todas as afirmações são verdadeiras.

2. **Os céticos radicais argumentam que todas as crenças são justificadas por outras crenças, o que leva:**
 - a) À divergência de opiniões.
 - b) **À regressão infinita da justificação.**
 - c) Aos erros perceptivos.
 - d) A crenças falsas.

3. **É próprio da atitude cética:**
 - a) Anular qualquer tipo de percepção, uma vez que somente é válido o conhecimento vindo da razão;
 - b) Não valorizar qualquer tipo de saber, uma vez que se o conhecimento advindo dos sentidos nos pode enganar, então só o conhecimento da Filosofia é válido;
 - c) Valorizar só o tipo de conhecimento que advém da experiência e concluir, assim, que só se pode saber quanto maior for a nossa capacidade de experienciar as próprias coisas.
 - d) **Colocar limites ao conhecimento, exercendo uma *epoché* sobre todo e qualquer juízo a considerar.**

4. **A operação mental que Descartes usa para justificar grande parte do seu edifício é:**

- a) A dedução, uma vez que todas as coisas são deduzidas e, portanto, não pode existir espaço para o erro;
- b) A intuição, visto que a mente capta diretamente a realidade sem o auxílio da imaginação;**
- c) A prova lógica, pois através de silogismos e de premissas elaboradas umas nas outras, chegamos à resposta do cogito e aos axiomas indubitáveis da matemática;
- d) A imaginação, pois que ao concebermos as ideias inatas como imagens dos sentidos, conseguimos ter da realidade uma evidência das coisas serem tais quais se apresentam.

5. De que forma o cogito responde aos céticos:

- a) Porque ao ser uma crença auto-fundada, o cogito apresenta-se como um ponto fundamental em todo o percurso filosófico;**
- b) Visto que ao demonstrar a possibilidade dos sentidos, o cogito surge como o resultado de experiências sensoriais que, portanto, encontrar neste a sua prova fiável;
- c) Uma vez que ao pretender responder aos erros da percepção levantados pelos céticos, o cogito assegura que somente eu me posso assegurar na crença de todos os meus sentidos;
- d) Por ser o cogito um conhecimento a posteriori, assegura qualquer tipo de conhecimento que possa vir do exterior.

6. Em René Descartes, a dúvida assume um carácter metódico, pois:

- a) A dúvida consegue encontrar um fundamento absoluto que me leve a eliminar quaisquer possibilidades de errar e, portanto, qualquer prova da existência sensorial;
- b) Também a dúvida usa como instrumento a eliminação de qualquer erro e, como tal, nem poderei provar a existência de axiomas matemáticos;
- c) Duvidar é um ato fundamental que leva o pensador francês a garantir até a existência de pensamento;**
- d) Só a dúvida conseguirá inscrever um método de tal modo evidente que, qualquer ideia de existir, só poderá ser uma hipótese a considerar.

7. Descartes abandona a hipótese do génio maligno porque:

- a) O próprio Descartes sabe que não existe realmente.
- b) Esse génio não o poderia enganar acerca da sua própria existência.
- c) A própria existência de Deus mostra que não existe tal génio.**
- d) Esse génio é incompatível com a existência de Deus bondoso.

8. Como Deus existe e não é um ser enganador, podemos estar certos de que:

- a) Se usarmos bem as nossas faculdades, confiando apenas naquilo que compreendemos com clareza e distinção, obteremos conhecimento genuíno;**

- b) Se nos capacitarmos com o método da dúvida, poderemos apercebermo-nos de que, embora nunca tenha a certeza de nada, posso assegurar que a minha dúvida é o caminho para provar essa mesma existência divina;
- c) Somente a racionalidade de um Deus concebido como matemático e geómetra, pode designar este mundo o mais evidente sem a presença de um génio maligno;
- d) Nunca será possível uma certeza fundamental, pois a clareza e a distinção só são atributos de Deus pelo que à natureza do ser humano resta a dúvida apenas;

9. Imagine que Descartes era forçado a concluir que, afinal, Deus pode ser enganador. Nesse caso, para ser coerente, ele teria de aceitar que:

- a) Os sentidos são mais importantes do que a razão.
- b) É falsa a ideia de que ele próprio existe enquanto pensa.
- c) **As ideias claras e distintas podem ser falsas.**
- d) Apenas as sensações corporais podem ser falsas.

10. Para poder começar com rigor o seu projeto filosófico, Descartes precisa de:

- a) Considerar válidas todas as ideias provenientes do senso comum.
- b) **Demolir as ideias anteriores e recomeçar desde os fundamentos.**
- c) Aproveitar todos os dados vindos da experiência.
- d) Fundar a ciência nas opiniões livres.

11. Hume defende que:

- a) As perceções dividem-se em sensações e sentimentos.
- b) **As perceções dividem-se em ideias e impressões e estas últimas em sentimentos e sensações.**
- c) As perceções dividem-se em ideias e estas em sentimentos e sensações.
- d) Nenhuma das respostas anteriores.

12. Um exemplo de uma verdade necessária é:

- a) Praticar desporto faz bem à saúde.
- b) **O dobro de três é igual a um terço de dezoito.**
- c) O calor dilata os metais.
- d) Apenas algumas coisas coloridas são verdes.

13. Hume defende que as verdades sobre:

- a) Questões de facto são conhecidas *a priori*.
- b) Relações de ideias são conhecidas *a posteriori*.
- c) **Questões de facto são conhecidas *a posteriori*.**
- d) Relações de ideias não podem ser conhecidas.

14. Um exemplo de uma questão de facto seria:

- a) A hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos.
- b) A esfera é um sólido geométrico.
- c) **Até agora, os cisnes observados são brancos.**
- d) Nenhuma das anteriores.

15. As questões de facto em Hume correspondem em Descartes às:

- a) Ideias inatas.
- b) **Ideias adventícias.**
- c) Ideias factícias.
- d) Nenhuma das anteriores.

16. A contiguidade diz respeito:

- a) Às relações de oposição.
- b) Às relações de semelhança.
- c) **Às relações de proximidade e vizinhança.**
- d) Às relações de modificação.

(16x5=80)

Grupo II

Leia o texto seguinte:

“Assim, rejeitando todas aquelas coisas de que podemos duvidar de algum modo, e até mesmo imaginando que são falsas, facilmente supomos que não existe nenhum Deus, nenhum céu, nenhuns corpos; e que nós mesmos não temos mãos, nem pés, nem de resto corpo algum; mas não assim que nada somos, nós que tais coisas pensamos; pois repugna a Deus que se admita que aquele que pensa, no próprio momento em que pensa, não exista.”

René Descartes, *Princípios da Filosofia do Futuro*, Lisboa, Editorial Presença, 1995.

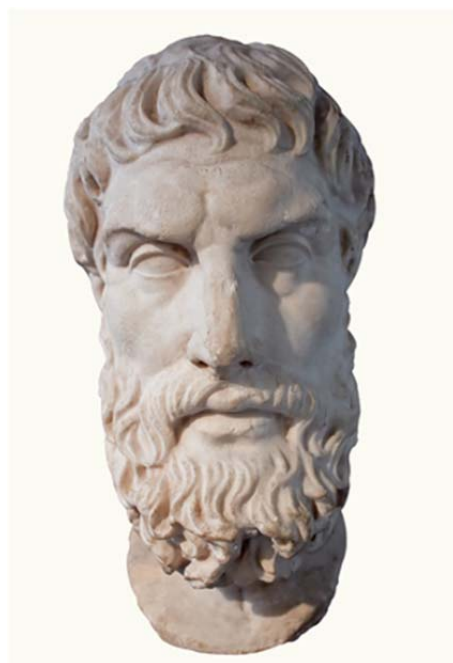
- 1. Distinga a dúvida cartesiana da dúvida dos céuticos. (25p)**
- 2. Explique a importância do Cogito na verdade e certeza que Descartes procurava. (25p)**
- 3. Exponha o papel de Deus no sistema cartesiano. (30p)**
- 4. A que problema a indução, defendida pelo empirismo, pode conduzir? (25p)**
- 5. Indique três características que distingam o racionalismo do empirismo. (15p)**

Atividade	Objetivos	Conteúdos Curriculares	Dinamizadores	Destinatários
-----------	-----------	------------------------	---------------	---------------

Anexo 5

<p>Explorando os diálogos do filme, os alunos perceberiam os problemas de uma ética “formal que coloca na intenção e na boa vontade os seus maiores alicerces.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Convocar a uma estrutura de apresentação crítica que passe pelo conteúdo imagético e dialógico. 2. Estimular o aluno criticamente para o discernimento e avaliação de situações particulares. 3. Desenvolver a crítica de uma ética “formalista” e a abordagem de um conflito social que coloca a filosofia como mediadora. 4. Vincular o aluno a um cunho aproximativo entre a boa vontade e a intenção sem desmerecer o discernimento de reflexão crítica que importa sedimentar. 5. Adaptar o programa a um nível de apresentação cinematográfica, em que a imagem ao mesmo tempo que estimula, instrui o aluno na aprendizagem de pontos essenciais. 	<p>3. A dimensão ética</p> <p>3.2. A ética deontológica – críticas apresentadas como o conflito entre deveres e a questão da negligência bem-intencionada.</p>	<p>Profª Alice Santos Estagiário Aramis Silva</p>	<p>10ºE1</p>
--	---	--	---	--------------

Anexo 6



Dia da Filosofia – 18 de novembro

Qual o emoji mais filosófico?